

**ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA DINÂMICA FAMILIAR: um olhar ainda  
a desvendar**

Mabel Pinheiro Labanowski

Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

FLORIANÓPOLIS  
2015

MABEL PINHEIRO LABANOWSKI

**ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA DINÂMICA FAMILIAR: um olhar ainda  
a desvendar**

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico  
como requisito parcial para a conclusão do Curso de  
Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Crepaldi

FLORIANÓPOLIS  
2015

## AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre me apoiou, me deu força e se fez presente em todos os estágios de minha vida, especialmente:

Aos meus queridos pais André e Érida, que além de toda dedicação, amor e valores que me passaram, me permitiram desde criança conviver de maneira próxima com os animais e hoje eu vejo como essa convivência contribuiu para o meu desenvolvimento;

À minha tia Anne que considero como uma segunda mãe e que sempre me apoiou, acreditou em mim e me ajudou em todos os momentos;

Aos meus dois irmãos Karinne e André, com quem cresci, aprendi e procurei me espelhar;

À minha sobrinha/afilhada Olívia que enche minha vida de alegria todos os dias;

Ao meu amado noivo e parceiro de todas as horas, Rodrigo, que há quase 9 anos se fez e se faz presente em minha vida, sempre carinhoso, me apoiando e me confortando com palavras sinceras;

Aos meus queridos sogros Salete e Luiz Carlos, sempre tão divertidos, prestativos e carinhosos comigo;

Às minhas irmãs de coração Antoniella e Daphne, que nesses anos todos de convivência dividiram e compartilharam comigo tantos momentos e que são indispensáveis em minha vida;

À minha dálmata Drika e ao meu vira-lata Lord, os quais também considero como integrantes da família e que tanto me ensinaram, assim como todos os cachorros que eu tive durante esses quase 29 anos de existência. Cada um foi especial e ter que me acostumar com a partida de alguns deles não foi nada fácil, porém ter convivido e aprendido com eles supera a dor da partida. Fica a saudade e o amor que eles deixaram.

À todas as minhas amigas que longe ou perto sempre estiveram presentes, em especial a Priscila e a minha dupla terapêutica Camilla;

Aos meus queridos colegas do Familiare, especialmente Fabíola, Lara e Aline, que sempre foram muito prestativas e os da T12 com quem tive o prazer de conviver e aprender durante esses três anos de especialização e compartilhar momentos inesquecíveis dentro e fora de sala;

À minha orientadora e professora Cida e aos professores João David e Denise que tanto nos ensinaram durante esses anos;

À minha supervisora Sônia, que foi essencial para meu crescimento na prática clínica, com quem tanto aprendi e me espelhei e que sempre me tranquilizou fazendo com que eu acreditasse mais em meu potencial;

Às famílias que participaram da entrevista e me receberam tão carinhosamente em seus lares;

Por último e não menos importante a Deus.

## RESUMO

A relação humano-animal existe há milhares de anos e está presente nas mais variadas culturas. Porém, nos últimos anos, constatou-se um aumento significativo tanto no número de pesquisas abrangendo a temática, quanto no número de animais de estimação residindo em lares brasileiros, superando o número de crianças, conforme recente divulgação do IBGE. Este fato pode ser justificado pela atual e reconhecida mudança ocorrida nas configurações familiares, que hoje são inúmeras, no papel que o animal vem exercendo e nos comprovados efeitos que ele tem proporcionado, chegando a ser considerado como um membro da família, incluído até mesmo em tratamentos e atividades terapêuticas. A pesquisa realizada caracteriza-se como empírica, qualitativa, de cunho exploratório e descritivo. O objetivo da mesma foi o de compreender a influência de animais de estimação no convívio familiar. Para tanto, foi realizada uma busca na literatura científica com o intuito de descrever o complexo sistema denominado família, definir dinâmica familiar, animal de estimação, relação humano-animal e os efeitos da mesma. Participaram do estudo, realizado em Florianópolis/SC, duas famílias que convivem há mais de um ano com seus respectivos animais de estimação, no caso cães. Um dos instrumentos usados foi uma entrevista de roteiro semi-estruturado. Foram apresentados genogramas das famílias participantes, visando caracterizá-las, sendo que utilizou-se nomes fictícios com o intuito de preservar a identidade das mesmas. Os resultados obtidos foram apresentados em quatro núcleos temáticos, sendo eles: decisão em adotar/comprar o animal; significado do animal para a família; alterações na dinâmica familiar e na rotina da casa após a inclusão do animal e efeitos da interação humano-animal para as famílias. Constatou-se que as mesmas consideram seus cães de estimação como membros da família e que ambas acreditam que a relação estabelecida com seus respectivos animais acarretou em benefícios, mencionando os seguintes: de quebra-gelo; de transmitir amor e alegria; de reaproximar a família; de apoio emocional e social; de ensinar os filhos a ter mais responsabilidade e respeito com os animais; de suprir carências maternas, etc. O fenômeno denominado antropomorfismo foi observado em algumas falas das famílias.

**Palavras-chave:** Família. Animais de Estimação. Relação Humano-Animal. Antropomorfismo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO E OBJETIVOS.....</b>	<b>5</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1 Descrevendo família e definindo dinâmica familiar: a complexidade existente.....</b>	<b>7</b>
<b>2.2 Animal de estimação e sua relação com o homem.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3 Efeitos da interação humano-animal.....</b>	<b>15</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>19</b>
<b>4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 Genograma e caracterização das famílias entrevistadas.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 Núcleos temáticos.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2.1 Decisão em adotar/comprar o animal.....</b>	<b>25</b>
<b>4.2.2 Significado do animal para a família.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2.3 Alterações na dinâmica familiar e na rotina da casa após a inclusão do animal.....</b>	<b>31</b>
<b>4.2.4 Efeitos da interação humano-animal para as famílias.....</b>	<b>34</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....</b>	<b>45</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Os benefícios dos animais de estimação no ambiente familiar é um tema que vem sendo tratado com bastante enfoque nas pesquisas atuais. Isso porque houve uma mudança no papel que os mesmos vêm exercendo, tanto nas famílias, que chegam a considerá-los como membros delas, conforme comprovação de diversos estudos, quanto nos tratamentos terapêuticos em hospitais, escolas e demais instituições. O cão passou a ser visto como um importante mecanismo facilitador de cura e recuperação de pacientes que apresentam doenças agudas ou crônicas, finalidade visada por programas como a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Atividade Assistida por Animais (AAA).

Outro motivo importante é o de essas recentes pesquisas destacarem os seguintes benefícios proporcionados pelos animais, na interação com os seres humanos: são facilitadores sociais, fonte de apoio emocional, de companhia e de conforto, auxiliam os humanos na melhoria de qualidade de vida, de senso de autoestima e na conexão com a natureza, ajudam no tratamento de doenças, etc...

Tudo isto pode ser percebido ao olharmos o número de animais de estimação, que só faz crescer, chegando até mesmo a superar o número de crianças no Brasil, de acordo com pesquisa do IBGE concluída em 2015, que estimou em 52,2 milhões a população de cachorros vivendo em domicílios brasileiros. Portanto, a questão que move esta pesquisa é: Qual é a influência de animais de estimação na dinâmica familiar e quais as características desse convívio?

Diante da questão suscitada pretende-se como objetivo geral *compreender a influência de animais de estimação no convívio familiar*. Já os motivos específicos são:

- a) **Descrever a motivação que as famílias têm para inserir o animal na família;**
- b) **Caracterizar a influência do animal na dinâmica familiar;**
- c) **Identificar aspectos positivos e negativos da presença do animal na família.**

O que instigou a realização desta pesquisa foi o fato de a pesquisadora conviver com os animais desde a infância, não recordando de ao menos uma fase de sua vida em que eles não estivessem presentes. Aos olhos da mesma, esta convivência direta e afetuosa lhe foi essencial, ajudando-a a ter mais compaixão e empatia com o próximo, mais afetividade e responsabilidade, afinal aprendeu a cuidar deles desde cedo. A pesquisadora também acredita que eles lhe ensinaram a ter mais senso de humor por achar que eles instigam as pessoas a

interagir por meio de brincadeiras. Além disso, estão sempre dispostos para receberem seus donos, demonstrando alegria, quando os mesmos chegam em casa e até mesmo para confortá-los com uma lambida e pedidos de carinho quando estes estão tristes, sendo sempre uma fonte de conforto, companhia e afeto.

A pesquisa torna-se relevante também por agregar novos conhecimentos sobre o tema, servindo como fonte de consulta para outros estudos.

Para embasar o estudo realizado buscou-se compreender as diferentes definições de família, os conceitos de dinâmica familiar e de animais de estimação, a relação do homem com os animais e os efeitos desta interação, conforme se apresenta na sequência.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Descrevendo família e definindo dinâmica familiar: a complexidade existente

O biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy formulou a Teoria Geral dos Sistemas, utilizando o estudo dos fenômenos biológicos a fim de acentuar seu enfoque sistêmico, fazendo surgir a expressão ‘biologia organísmica’ (OSORIO, 2013). Ainda segundo este autor “a biologia não podia se ocupar apenas em desvendar o que se passa em nível físico-químico ou molecular..., mas em tratar de observar e compreender o que ocorre nos níveis mais elevados de organização da matéria viva” (OSORIO, 2013, p. 21-22).

Para Bertalanffy, segundo Osorio (2013), uma organização sistêmica é encontrada em todas as manifestações da natureza, pressupondo um conjunto integrado decorrente de suas interações e não apenas um aglomerado de partes. Assim, o biólogo falou da interação de sistemas socioculturais, complementa o autor. Com relação a isto, de acordo com Osorio (2013), a unidade básica da interação social é a família, sendo assim considerada pelo mesmo como um sistema primordial. “Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas” (CERVENY, 2000, p. 25).

De acordo com Aldolfi (1981), quando falamos em pensamento sistemático, estamos levando em conta que a família é um sistema, ou seja, é uma ordenação dinâmica tanto de partes quanto de processos que estão interagindo de maneira recíproca. Para ele, a família é um sistema de interação e, deste modo, é um todo orgânico e, ao se falar em sistema interativo, estamos falando em uma ou mais unidades interligadas de tal forma que, quando ocorre uma mudança no estado de uma delas, uma nova mudança nas outras unidades também irá ocorrer. A família pode ser considerada “como um sistema aberto constituído por muitas unidades ligadas no conjunto por regras de comportamento e por funções dinâmicas, em constante interação entre elas e em intercâmbio com o exterior” (ANDOLFI, 1981, p. 20). Para o autor, a família, portanto, é um “sistema entre sistemas...” (ANDOLFI, 1981, p. 20).

Minuchin, Lee e Simon (2008) complementam que existem vários subsistemas englobados em cada um dos sistemas familiares e cada indivíduo inserido na família é um



subsistema dela. Os autores ressaltam que os sistemas culturais, políticos e históricos são refletidos na família, sendo esta, deste modo, um sistema social.

De acordo com Wendt e Crepaldi (2008), quando se pretende progredir em relação aos dados numéricos, sócio-demográficos, a pesquisa com famílias acaba tornando-se muito complexa. Isto decorre do fato destes dados não conseguirem dar conta de estudar a complexidade existente neste grupo social, apesar dos mesmos serem fundamentais. Em virtude da existência de uma variedade de modelos familiares no Brasil, bem como sua diversidade de padrões comportamentais e interativos e dos sistemas simbólicos que abrange, levar em conta o grupo familiar como uma entidade única que apresenta funções definidas e específicas é muito perigoso (WENDT e CREPALDI, 2008).

Cervený e Berthoud (1997) também apontam para a amplitude e complexidade existente sobre o tema família e Osorio (2002) atenta para o fato de o termo não ser um conceito unívoco, destacando que:

“pode-se até afirmar, radicalizando, que a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições; ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta esse agrupamento humano” (OSORIO, 2002, p. 13).

Poster (1979) concorda que ainda não existe uma adequada definição de família por parte da ciência social, ou um coerente conjunto de categorias na qual a análise de família possa se basear. Cervený (2000) complementa que, na nossa realidade, a dificuldade para uma utilização consensual da expressão família é mostrada, de alguma forma, por todas as pesquisas recentes sobre o tema. A autora acredita que o assunto não será encerrado por nenhum estudo, não fornecendo resposta para todos os questionamentos, ainda que a temática tenha sido e continue sendo estudada por diversos segmentos da ciência.

Osorio e do Valle (2009, p. 30) afirmam que “a conceituação básica compreende que a família está em evolução, transformando-se continuamente e organizando-se muito mais por laços de afeição do que por hierarquias tradicionais.” Para Haber (1998), a maneira pela qual a família se desenvolve atualmente é uma invenção nova.

Ackerman (1971) denomina família como uma unidade da saúde e da doença, de sucesso e fracasso, de experiência e crescimento, constituindo-se como um modelo universal para o viver. Da Matta (1987) complementa que a família é uma rede de relações, um grupo

social formado através de uma intensa e longa convivência social, fundada também na genealogia e nos elos jurídicos, constituindo, sobretudo, um valor.

Carter e McGoldrick (1995) abordam sobre o ciclo de vida familiar e mencionam que o sociólogo Duvall separou o mesmo em estágios, sendo eles: casamento, nascimento e educação dos filhos, saída dos mesmos de casa, aposentadoria e morte. Hill *apud* Carter e McGoldrick (1995) complementa que há um complexo de papéis e este é diferente para cada membro da família, em cada estágio do ciclo de vida.

“Como um sistema movendo-se através do tempo, a família possui propriedades basicamente diferentes de todos os outros sistemas. Diferentemente de todas as outras organizações, as famílias incorporam novos membros apenas pelo nascimento, adoção ou casamento, e os membros podem ir embora somente pela morte... Nenhum outro sistema está sujeito a estas limitações” (CARTER e MCGOLDRICK, 1995, p. 9).

De acordo com Cerveny (2000), assim como qualquer outro sistema, a família irá operar segundo certos princípios, sendo um deles a causalidade circular, definida como um processo dinâmico que irá se repetir sempre de forma circular onde, havendo mudanças em um elemento do sistema, todos os outros também serão afetados. A não-somatividade também é mencionada pela autora como sendo outro princípio, pois é somente nos contextos interacionais nos quais os indivíduos estão inseridos, que estes podem ser compreendidos. Portanto, o sistema familiar, deve ser visto como um todo, se quisermos compreendê-lo (CERVENY, 2000).

Feedback, homeostase e morfogênese, são os três outros princípios citados por Cerveny (2000), tendo o primeiro, as seguintes funções primordiais: o fornecimento de informações, que podem ser positivas ou negativas, e a definição do relacionamento que ocorre entre os membros que compõem o sistema. Já o processo auto-regulador denominado homeostase, irá manter a estabilidade no sistema e protegê-lo, no que diz respeito aos desvios e mudanças, referindo-se assim à “tendência da família em manter um certo padrão de relacionamento e empreender operações para impedir que haja mudanças nesse padrão de relacionamento já estabelecido” (CERVENY, 2000, p. 26). No que tange à morfogênese, esta refere-se ao potencial de autotransformação, de maneira criativa, que a família possui, tendo esta uma grande flexibilidade e adaptabilidade, complementa a autora.

Para Osorio e do Valle (2009), em todas as fases do ciclo de vida as referências da família são: o diálogo e o afeto. Os autores atribuem duas qualidades essenciais, quando abordam a família como instituição, sendo elas: espaço de união e amor incondicional, no

qual a identidade e a referência pessoal são constituídas. Carter e McGoldrick (1995) destacam que os relacionamentos familiares são insubstituíveis e constituem-se como o principal valor das famílias, tendo esta última papéis e funções a cumprir.

Osorio e do Valle (2009) enfatizam que foi realizada uma pesquisa pioneira, em 1996, que totalizou 480 participantes, dentre eles adultos, jovens e adolescentes, que responderam a um questionário na internet expressando suas respectivas opiniões sobre o conceito de família, bem como sua importância e funções. Nesta pesquisa constatou-se que, a maioria deles, atribuiu à família as seguintes características: espaço de aprendizagem e formação pessoal, lugar de proteção e troca de afeto, considerando-a como a instituição principal da sociedade em que vivemos (OSORIO e do VALLE, 2009).

Minuchin *et al* (2008) ressaltam que é na composição de um grupo pequeno, que tem uma relação de compromisso e consanguinidade, que podemos encontrar a maioria das definições de família. Os autores definem família como um conjunto de pessoas que estão ligadas por sangue e/ou por emoção, cujo tempo vivido juntos tenha sido o necessário para o desenvolvimento de padrões de interação e histórias que acabam fundamentando esses padrões interacionais. Minuchin, Lee e Simon (2008) destacam ainda que, construir uns aos outros, é o que os membros das famílias fazem, ao interagirem padronizadamente entre si. A esta interação dá-se o nome de dinâmica familiar, definida por Berthoud (1997), como:

“forma de funcionamento da família, abrangendo motivos que viabilizem esse funcionamento e relações hierárquicas estabelecidas com relação ao poder, a análise da dinâmica familiar compreende: ideal da família, papéis familiares, relações hierárquicas e processo emocional de transição” (BERTHOUD, 1997, p. 158).

Segundo Osorio e do Valle (2009), atualmente a família está passando por um processo de transformação e existem novas configurações familiares e as mesmas estão sendo cada vez mais naturalmente aceitas, sendo que há poucas décadas estas não eram sequer imaginadas. Cerveny (2000) também aponta para a diversidade de composições familiares existentes no Brasil e destaca que a década de 70 foi um marco importante, no que diz respeito à revisão da família brasileira, pois foi nessa época que novas pesquisas sobre a temática surgiram.

Minuchin (1982) atribui essas modificações às mudanças ocorridas na sociedade, afirmando que é em resposta às necessidades da cultura que funções de proteção e socialização de seus membros vêm sendo assumidas ou renunciadas. O autor destaca ainda que a tarefa psicossocial principal da família é o apoio de seus membros e aponta para as

funções da mesma, atentando para dois objetivos diferentes, sendo um interno e o outro externo. O primeiro é a proteção psicossocial de seus membros, e o segundo é a acomodação a uma cultura e a transmissão da mesma.

“Em todas as culturas, a família dá a seus membros o cunho da individualidade. A experiência humana de identidade tem dois elementos: um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado. O laboratório em que estes ingredientes são misturados e administrados é a família, a matriz da identidade” (MINUCHIN, 1982, p. 53).

Cervený (2000) cita a seguinte pluralidade de composições: núcleo doméstico, família não legitimada juridicamente, laços sanguíneos, família conjugal e extensa e relações não formalizadas por parentesco. A autora menciona ainda as seguintes categorias de famílias: família substituta, que é uma família que não possui laços de parentesco, mas que assume a criação de uma ou mais pessoas; família atual; família de origem, que pressupõe laços sanguíneos, estando ligada aos conceitos de descendência e ascendência, o que inclui os pais e os avós de um indivíduo; família extensa, que pressupõe a união de pessoas ligadas entre si por afinidade ou por parentesco sanguíneo, podendo englobar três ou mais gerações e; família nuclear, que é uma unidade coletiva na qual pais e filhos fazem parte, havendo relacionamento biológico.

A família é entendida como “uma instituição cujas origens remontam aos ancestrais da espécie humana e confunde-se com a própria trajetória filogenética” (Osorio, 2002, p. 25). A organização familiar também pode ser encontrada em outras espécies animais, tanto nos vertebrados quanto nos invertebrados, não sendo a mesma exclusiva do homem, ressalta Osorio (2002). O autor destaca ainda que, entre os animais, distintas formas de organização familiar são encontradas, assim como na espécie humana. Existem inúmeras variáveis, sendo elas: sociais, ambientais, culturais, econômicas, religiosas ou políticas, que irão determinar as diversas composições das famílias, continua o autor. Sendo assim, podemos concluir que, dentre tantas outras possibilidades de famílias, há famílias da espécie animal, famílias da espécie humana, e também há aquelas famílias que incluem alguma espécie animal na dinâmica familiar.

Uma surpreendente diversidade de comunidades mistas, interespecíficas, foi tecida por homens e animais ao longo dos séculos, de acordo com Lestel (2011). Muitos seres humanos donos de animais chegam a considerá-los como membros da família, atribuindo-lhes muitas de suas emoções (MCCARDLE; MCCUNE; GRIFFIN, ESPOSITO e FREUND, 2013).

Outros estudos realizados com pessoas que convivem com animais apontam para o fato de as mesmas considerarem seus animais de estimação como membros da família, dentre eles destacam-se os trabalhos de Carvalho e Pessanha (2012), que estudaram a relação existente entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo, e os de Heiden e Santos (2009), que buscaram identificar os “benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos”, que responderam serem os seguintes: segurança, distração, alegria e companhia.

Costa, Jorge, Saraiva e Coutinho (2009) e Tatibana e Costa-Val (2009) também apontam para o fato de inúmeras pesquisas mostrarem que os animais de estimação estão, cada vez mais, sendo considerados pelos seres humanos como membros da família. Tatibana e Costa-Val (2009) atribuem esta mudança na interação homem-animal ao fato de que “atualmente, cães e gatos estão assumindo grande importância na manutenção da saúde física e até mesmo mental das pessoas” e complementam que, assim, está havendo um crescimento no fenômeno denominado de antropomorfização de cães. Este é definido por Faraco e Seminotti (2004) como o processo de humanização do animal que passa a ser visto além de suas particularidades genéticas e biológicas e tratado como se fosse humano. Carvalho e Pessanha (2012) ressaltam que este fenômeno tem aumentado na atualidade e que um papel diferenciado vem sendo assumido pelos animais de estimação, dentro das relações intrafamiliares.

Elizeire (2013) concorda com os autores afirmando que, atualmente, tanto na sociedade quanto na rotina das pessoas, são notórias as mudanças que ocorreram no papel que o pet desempenha, tendo em vista que a relação entre o homem e o animal tem passado por modificações no decorrer da evolução.

Isto pode ser comprovado, com a pioneira pesquisa nacional, realizada em 2015 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre a população de cães inseridos nos lares brasileiros. A mesma constatou que há uma média de 1,8 cães vivendo em domicílios brasileiros, resultando no número de 52,2 milhões de cachorros existentes nesses lares, superando até mesmo o número de crianças.

Para Lestel (2011), em nossa cultura, esta proliferação dos animais de estimação, bem como os movimentos ecológicos, instituem esse novo tipo de relação estabelecida entre os animais e os humanos, na atualidade.

Sobre os motivos da necessidade em ter animais de estimação em casa, levando-se em conta as mudanças ocorridas nas configurações familiares atuais, Silva (2011) destaca os seguintes: adiamento no plano de ter filhos, aumento na expectativa de vida e mais pessoas morando sozinhas.

## **2.2 Animal de estimação e sua relação com o homem**

De acordo com Elizeire (2013), animal de estimação, também conhecido como pet, é o nome dado aos animais que estão inseridos nos domicílios, aqueles que foram criados para conviverem com os seres humanos, participando da rotina existente no ambiente familiar destes e gerando benefícios aos sujeitos através das relações afetivas que estabelecem com os mesmos. Esta relação é marcada pela responsabilidade do dono em cuidar do animal e pelo contato que é estabelecido entre ambas as partes. Cães, gatos, pequenos roedores, répteis, cobras, peixes, aves canoras e ornamentais, etc., são as espécies principais incluídas nesta categoria (ELIZEIRE, 2013).

Para Faraco (2008), na sociedade moderna, os fortes vínculos emocionais estabelecidos por cavalos, cães e gatos em reciprocidade com os humanos, fazem com que esses animais sejam chamados de ‘animais de companhia.’

Já a relação humano-animal é definida pela Associação Americana de Medicina Veterinária, segundo Faraco (2008), como uma relação dinâmica que ocorre entre pessoas e outros animais, havendo benefício mútuo, na qual os comportamentos essenciais para o bem estar e saúde de ambas as partes influenciam nesta relação, incluindo interações psicológicas e físicas entre sujeitos, ambiente e demais animais, bem como interações emocionais. McCardle, McCune, Griffin *et al* (2013, p. 19) ressaltam que “o conceito também é chamado de vínculo ser humano-animal ou vínculo ser humano-animal de companhia.” Lestel (2011) complementa que essas relações que se estabelecem entre o homem e o animal revelam-se essenciais para uns e outros.

“Smith (2009) denomina como *Pet Love* essa relação entre homem e animal de estimação marcada por um alto nível de cuidado, durante um longo período de tempo, em que os animais de estimação estão inclusos nas normas do ‘amor’ familiar, bem como no ideal de amizade por parte do proprietário” (CARVALHO E PESSANHA, 2012, p. 623-624)

De acordo com Faraco (2008), o processo civilizatório humano foi acompanhado pela antiga parceria da relação interespecie, e a mesma acarretou em uma variedade de benefícios. Porém, o reconhecimento como tema acadêmico deu-se recentemente, mais

especificamente nas décadas de 1970-80, com a realização de conferências internacionais e a criação das primeiras sociedades científicas, continua o autor. Foi também nessa época que ocorreu a publicação dos primeiros artigos que trataram sobre variadas temáticas, dentre elas: motivação humana, treinamento canino, animais e saúde, animais e crianças, animais e idosos, a sociedade e os animais, a família multiespécie, o luto, zoofilia, etc... Foi a partir daí que houve, no meio científico, um crescente interesse referente ao vínculo existente entre humanos e animais (FARACO, 2008).

Fülber (2011) destaca que a sociologia, psicologia, antropologia, medicina veterinária e outras ciências, têm abordado a interação homem-animal. Bogado e Faraco (1999, p. 06) complementam que “sempre houve uma relação de amizade entre os humanos e os animais, e isso permite entender sua importância sobre a transformação da humanidade.”

Segundo Darwin (2000), a relação do homem com os animais faz parte da história da evolução humana. Caetano (2010) afirma que foi na Pré-História que a mesma teve início, quando a população neolítica inseriu de forma voluntária os animais para o benefício do homem, sendo que, até onde se sabe, a primeira espécie de animal a ser domesticada foi o cão (descendente dos lobos), marcando o início desta interação, há cerca de doze mil anos atrás. Bogado e Faraco (1999) ressaltam que, nessa época, foi descoberta uma escavação arqueológica na qual encontrou-se um menino abraçado ao seu cão, no sítio de Natufian, em Israel. Soczka (2003) concorda que o cão talvez seja a simbiose mais antiga da nossa história, tendo em vista sua utilização na guarda das aglomerações humanas, na ajuda em tarefas de caça e sua provável pioneira domesticação.

“A convivência entre seres humanos e animais de estimação remota o período Holoceno (10.000 a.C.), época geológica que corresponde ao período Neolítico, em que o *Homo Sapiens sapiens* domesticou animais e plantas” (MARCONI; PRESOTO *apud* HEIDEN; SANTOS, 2009, p. 488).

Grandin e Johnson (2006) ressaltam que os seres humanos necessitam dos animais em suas vidas e também apontam para a antiguidade desta relação, porém acreditam que foi antes mesmo do período Holoceno que se deu essa convivência entre ambos, destacando uma pesquisa mais recente do DNA dos cachorros em que ficou provado que esta relação pode datar de mais de cem mil anos atrás.

Serpell (2013) concorda que não é um fenômeno moderno nem ocidental a prática da criação de animais como bichos de estimação, tendo esta, portanto, raízes antigas.

“Alguns dos restos arqueológicos de cachorros-lobos domésticos mais antigos de que se tem conhecimento, que datam do Paleolítico superior, aproximadamente 11-14 mil anos atrás, foram encontrados enterrados junto com seres humanos, de uma forma indicativa de forte vínculo afetivo mútuo.” (BENECKE, DAVIS e VALLA e MOREY *apud* SERPELL, 2013, p. 27-28).

Fuchs (1987) destaca que a percepção de que os lobos podiam dar sinais de alarme e ajudar nas caçadas pode ter sido um dos fatores que acarretaram no início da relação homem-animal, sendo que os filhotes de lobos e cães, quando tirados de perto de sua família, transferem uma nova figura de apego aos seres humanos, buscando calor e aconchego. O frio e a fome também podem ter influenciado no surgimento desta interação, pois o homem das cavernas dormia com o cão a fim de se livrar do frio, dando-lhes restos de comida como retribuição (FUCHS, 1987).

Na íntima convivência do homem com o animal, segundo registros históricos e paleológicos, pode-se constatar o fato de os animais servirem como companhia, fonte de alimento e para o trabalho, sendo assim, é nas mais variadas sociedades e culturas que esta relação encontra-se presente (LEWIS, 1964). “Historicamente a relação homem-animal é dividida em três períodos, sendo que, no último, começa a existir a concepção ética do animal e este passa a ser considerado também distribuidor de benefícios psicossociais” (CHIEPPA, 2002 *apud* FÜLBER, 2011, p. 6).

Caetano (2010) ressalta que, no decorrer do tempo, a relação dos seres humanos com os animais passou a ser de cumplicidade e respeito, sendo promovidas relações especiais entre ambos, que se tornaram companheiros, tendo aprendido a conviver entre si, o que acarretou em vantagens.

### **2.3 Efeitos da interação humano-animal**

Segundo Heiden e Santos (2009) e Beck (2013), o convívio dos seres humanos com os animais pode ser benéfico. De acordo com McCardle, McCune, Griffin *et al* (2013), mesmo com o crescente interesse, existente há décadas, sobre o tema interação humano-animal, ainda existe a necessidade de mais estudos visando a comprovação dos benefícios que esta interação acarreta tanto para a saúde, quanto para o desenvolvimento humano. Porém, estudos limitados e histórias indicam que a interação humano-animal tem o potencial de proporcionar benefícios, continuam os autores.



Haverkos, Hurley, McCune e McCardle (2013) afirmam que benefícios físicos e psicológicos podem ser trazidos pelos animais de companhia para seus donos, havendo, cada vez mais, comprovações disto. No que tange as mesmas, Capote (2009) ressalta que, no Brasil, existe hoje uma grande quantidade de reportagens, faladas e escritas, que mostram os benefícios dos animais para o homem, sendo estas frequentemente baseadas tanto em programas de atendimentos que estão em execução aqui, quanto em pesquisas internacionais.

Para Becker e Morton *apud* Heiden e Santos (2009), as pessoas que possuem um animal em casa tendem a ser mais calmas e seguras e, os benefícios proporcionados pelo mesmo, serão maiores quanto maior for o vínculo com o animal de estimação.

Faraco (2008) destaca que a companhia oferecida pelos animais é um dos benefícios decorrentes da presença dos mesmos na vida dos sujeitos. Para o autor, outros benefícios oferecidos pelos animais de estimação nesta interação são: o auxílio no desenvolvimento de diversas habilidades das pessoas e no aprendizado de novas estratégias e maneiras de agir e pensar; o exercício de responsabilidades e; promover mudanças positivas no autoconceito, bem como no comportamento dos sujeitos.

Serpell (2013) afirma que “o recente renascimento do interesse pelos benefícios da criação de animais de estimação na saúde e na terapia pode ser atribuído, em grande parte, à obra do psicólogo infantil Boris Levinson” (SERPELL, 2013, p. 30). A ideia de utilizar os animais de estimação funcionando como co-terapeutas, no tratamento psicoterápico, foi sua contribuição mais importante, bem como suas publicações referentes à psicoterapia facilitada por animais de estimação, continua o autor.

Esta ideia de Levinson foi baseada na observação feita por ele de que um grande número de seus pacientes mais retraídos acabava se relacionando e interagindo de maneira fácil com o seu cão e, deste modo, ele conseguia estabelecer mais rapidamente uma relação terapêutica com a criança, se envolvendo cuidadosamente nessa relação (SERPELL, 2013). O autor afirma o seguinte: “Os animais de estimação serviam não só para quebrar o gelo nesse contexto como também pareciam dar à criança um meio relativamente neutro para expressar conflitos emocionais, preocupações e medos inconscientes” (LEVINSON *apud* SERPELL, 2013, p. 30).

Para Reed, Ferrer e Villegas (2012), na vida humana os animais de estimação frequentemente desempenham um papel importante em decorrência do comportamento

criador que eles possuem. Atualmente, os mesmos têm sido utilizados em escolas e em contextos de assistência à saúde. Nas primeiras, alguns dos papéis desempenhados por eles são: estímulo a deixar o assunto que está sendo abordado em sala de aula mais interessante; de fazer com que as crianças prestem mais atenção e o de recompensá-las quando estas realizam um bom trabalho, ressaltando Beck (2013). Nas turmas de escola primária do estado de Indiana, por exemplo, 26% das mesmas têm animais, continua o autor.

Já nos contextos de assistência à saúde, segundo Capote (2009), os animais passam por um treinamento, com o intuito de prestar uma interação facilitada, destacando-se dois tipos de programas que incluem a visita de animais como uma das atividades do tratamento oferecido: a Terapia Assistida por Animais (TAA) e a Atividade Assistida por Animais (AAA). A autora atenta para outras nomenclaturas usadas antigamente para fazer referência à TAA, dentre elas: pet terapia, zooterapia e cinoterapia. Porém, a oficial e correta, segundo o órgão dos Estados Unidos que regulamenta esses programas com animais, chamado de Delta Society, é *Animal Assisted Therapy* (AAT ou TAA). Este órgão também reconhece outro programa existente: a AAA - Atividades Assistida por Animais (CAPOTE, 2009).

A primeira (TAA) é definida como um tipo de terapia que, de acordo com o perfil do paciente, disponibiliza planos de tratamento específicos e metas nos quais, com base nas necessidades do mesmo, são agendadas a visitação do animal e sua duração, havendo a documentação da evolução do paciente (REED, FERRER e VILLEGAS, 2012). Machado, Rocha, Santos e Piccinin (2008) ressaltam que na Terapia Assistida por Animais, os objetivos são os da promoção da melhora física e/ou cognitiva dos pacientes e da melhora social e emocional, partindo do princípio de que, a amizade e o amor que podem surgir entre pessoas e animais, resultará num grandioso número de benefícios aos pacientes que estão tratando suas enfermidades, tais como: diminuição da ansiedade e, com isso, dos efeitos do sistema nervoso simpático; aumento do estímulo para praticar atividades físicas e diminuição da depressão e da solidão.

Volpi e Zadrozny (2012) destacam que atualmente a Terapia Assistida por Animais está sendo utilizada por diversos profissionais, dentre eles veterinários, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, pedagogos e psicólogos e que a mesma deve ser aplicada de preferência por uma equipe multidisciplinar. As autoras ressaltam ainda que, no Brasil, foi a psiquiatra Nise da Silveira a primeira a utilizar a TAA, em 1955, ao fazer uso de cães e gatos, no tratamento de pacientes com transtornos mentais em um hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro,

permitindo que estes cuidassem dos animais. A partir desse momento, com a contribuição do animal, observou-se que fortes vínculos com o mesmo foram criados por parte dos pacientes esquizofrênicos e que os animais, deste modo, acabaram funcionando como facilitadores na aproximação entre profissional e paciente, e ajudaram este na reaproximação da realidade (VOLPI e ZADROZNY, 2012).

Já a Atividade Assistida por Animais é uma “atividade ou visita realizada por um voluntário treinado que conduz um animal para entreter ou distrair pacientes ou pessoas em determinado local” (VOLPI e ZADROZNY, 2012, p. 17). Diferente da Terapia Assistida por Animais, que é uma técnica e não uma atividade, na AAA, não há registro do progresso do paciente, nem metas e as atividades envolvendo animais não tem esquema fixo, são espontâneas e mais casuais (REED, FERRER e VILLEGAS, 2012). Em ambas há um rígido controle de saúde para a seleção e treinamento do animal, segundo Volpi e Zadrozny (2012).

Cabe destacar também sobre os aspectos negativos que, segundo Beck (2013), estão presentes em qualquer intervenção terapêutica. Alergias, mordidas, quedas que os animais acabaram provocando e zoonoses, são os aspectos negativos mais comuns, porém há poucas indicações e relatos de que esses programas que utilizam animais apresentem perigo (BECK, 2013).

Beck (2013) ressalta que, não só nos ambientes terapêuticos, como nas casas, existe a crença de que, as alergias que os animais podem provocar, seja um problema para as crianças, constituindo-se assim como um dos problemas mais preocupantes desses lugares. Para Beck (2013), o risco de asma pode ser aumentado pelo contato com cães. Porém, o autor aponta para o fato de existirem provas de que, no início da vida de uma criança, o contato com gatos e cães acaba, no futuro, protegendo-as das alergias.

### 3 METODOLOGIA

#### **Caracterização da pesquisa:**

Trata-se de uma pesquisa empírica, qualitativa, de cunho exploratório e descritivo.

No que tange à pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001), a mesma preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, respondendo a questões muito particulares. O universo de significados, aspirações, motivos, valores, crenças e atitudes são trabalhados pela pesquisa, que equivale a um “espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2001, p. 22).

Já na pesquisa exploratória, a descoberta de intuições ou o aprimoramento de ideias constituem-se como seu principal objetivo, ressalta Gil (2002). “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

Sobre as pesquisas descritivas, de acordo com Gil (2002), estas visam estabelecer relações entre variáveis ou descrever as características de determinada população ou fenômeno.

A pesquisadora realizou uma busca de trabalhos na literatura científica sobre o tema, a partir de bancos de dados, tais como: Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico e em revistas especializadas na área com as seguintes nomenclaturas: Interação Humano-Animal (IHA), Terapia Assistida por Animais (TAA) ou Terapia Mediada por Animais ou Cinoterapia, que abordavam a temática escolhida pela mesma.

Quanto aos instrumentos, inicialmente elaborou-se uma entrevista de roteiro semi-estruturado (Apêndice A, p.44), que foi composta por quatorze perguntas abertas. Sobre este modelo de pergunta, Marconi e Lakatos (2003) destacam que elas também são chamadas de livres ou não limitadas, pois permitem que o informante responda livremente, emitindo opiniões e utilizando uma linguagem própria que irá possibilitar investigações mais profundas e precisas. As mesmas foram divididas segundo três temas: 1- Decisão em adotar o animal; 2- Rotina da casa e; 3- Dinâmica familiar.

Boni e Quaresma (2005) ressaltam que na entrevista semi-estruturada o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto tendo em vista sua combinação de

perguntas abertas e fechadas. Deste modo, continuam as autoras, o entrevistador pode fazer perguntas adicionais a fim de, ou ajudar na recomposição do contexto de entrevista, se houver fuga do tema ou dificuldades com o mesmo, ou elucidar questões que não ficaram claras, visando o alcance dos objetivos. Boni e Quaresma (2005) enfatizam ainda que outras vantagens da entrevista aberta e semi-estruturada são: permitir uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos, em decorrência de sua elasticidade quanto à duração; favorecimento de respostas espontâneas resultantes da interação entre o entrevistador e o entrevistado; abertura e proximidade maior entre ambos, favorecendo uma troca mais efetiva entre os dois.

Após elaboração da entrevista, realizou-se o pré-teste, com o intuito de validá-la e de averiguar possíveis falhas existentes antes de realizá-la com as famílias, pois, segundo Marconi e Lakatos (2003), algumas das finalidades do pré-teste, são: verificação da fidedignidade, da validade e da operatividade, visando também obter uma estimativa sobre os resultados futuros.

Realizado o pré-teste, em que não houve constatação de falhas, pode-se assim realizar a entrevista com duas famílias. A escolha das mesmas foi feita seguindo o critério de convivência com o animal há mais de um ano. As entrevistas foram realizadas nas respectivas residências dos participantes, no município de Florianópolis/SC. As famílias serão descritas no item de resultados. Os nomes utilizados são fictícios, com o intuito preservar o sigilo dos participantes.

Para a realização da entrevista, utilizou-se um gravador, visando facilitar o registro dos dados, e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Modelo em Apêndice B, p. 45) foi apresentado às famílias, com o intuito de explicar o objetivo geral do trabalho, abordar a questão do sigilo e coletar o consentimento das mesmas, bem como a autorização para gravação. Sendo assim, após assinatura do termo TCLE, a pesquisadora pôde gravá-las e, em um segundo momento, fazer a transcrição. De acordo com Queiroz (1991), transcrever significa reproduzir um documento em total conformidade com sua primeira forma, sem modificações e, deste modo, o pesquisador poderá reviver a cena do momento da entrevista.

Após a transcrição, pôde-se analisar e interpretar os dados, com base no que foi relatado pelas famílias e na leitura bibliográfica realizada. Também foi feito genograma da família dos membros entrevistados, pois, de acordo com McGoldrick e Gerson (1995), os genetogramas, bem como as cronologias familiares, constituem-se como instrumentos úteis ao

fazermos uma avaliação do lugar de uma família no ciclo de vida, proporcionando, além de uma visão do movimento desta através do ciclo de vida, um quadro trigeracional.

A análise foi realizada através da leitura exaustiva das entrevistas para posterior definição de núcleos temáticos. Estes foram delimitados a partir do conteúdo das falas, sendo eles: 1- Decisão em adotar/comprar o animal; 2- Significado do animal para a família; 3- Alterações na dinâmica familiar e na rotina da casa após a inclusão do animal; 4- Efeitos da interação humano-animal para as famílias.

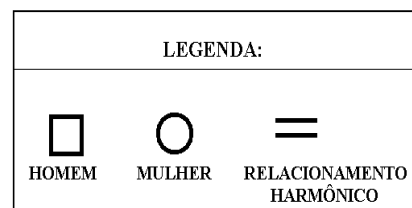
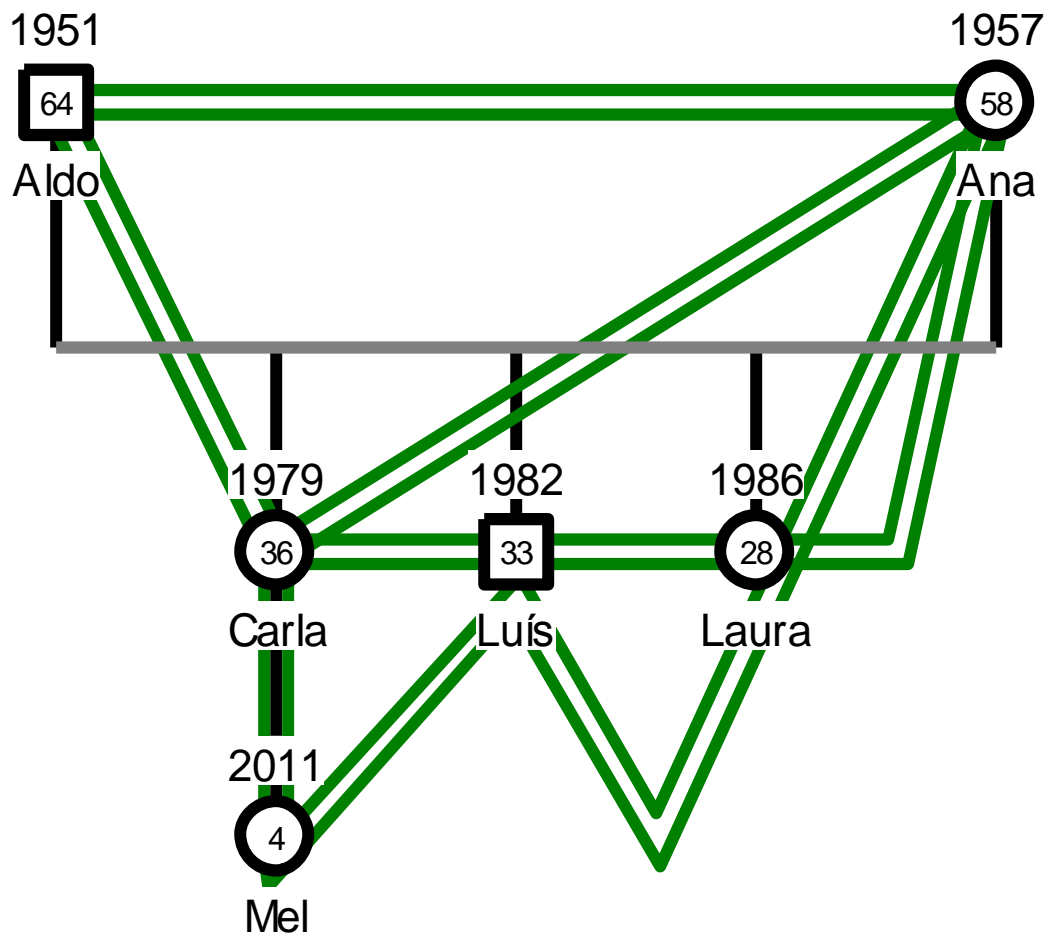
Portanto, o procedimento foi, respectivamente:

- 1- Levantamento bibliográfico;
- 2- Entrevista semi-estruturada;
- 3- Pré-teste;
- 4- Aplicação da entrevista;
- 5- Transcrição;
- 6- Análise e interpretação dos dados e;
- 7- Descrição dos resultados.

## 4 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Genograma e caracterização das famílias entrevistadas:

FAMÍLIA 1:



A família nuclear 1 é composta por um casal e três filhos, mais a cadela chamada Mel, que convive com eles há quatro anos. Apenas o filho do meio Luís, de trinta e três anos

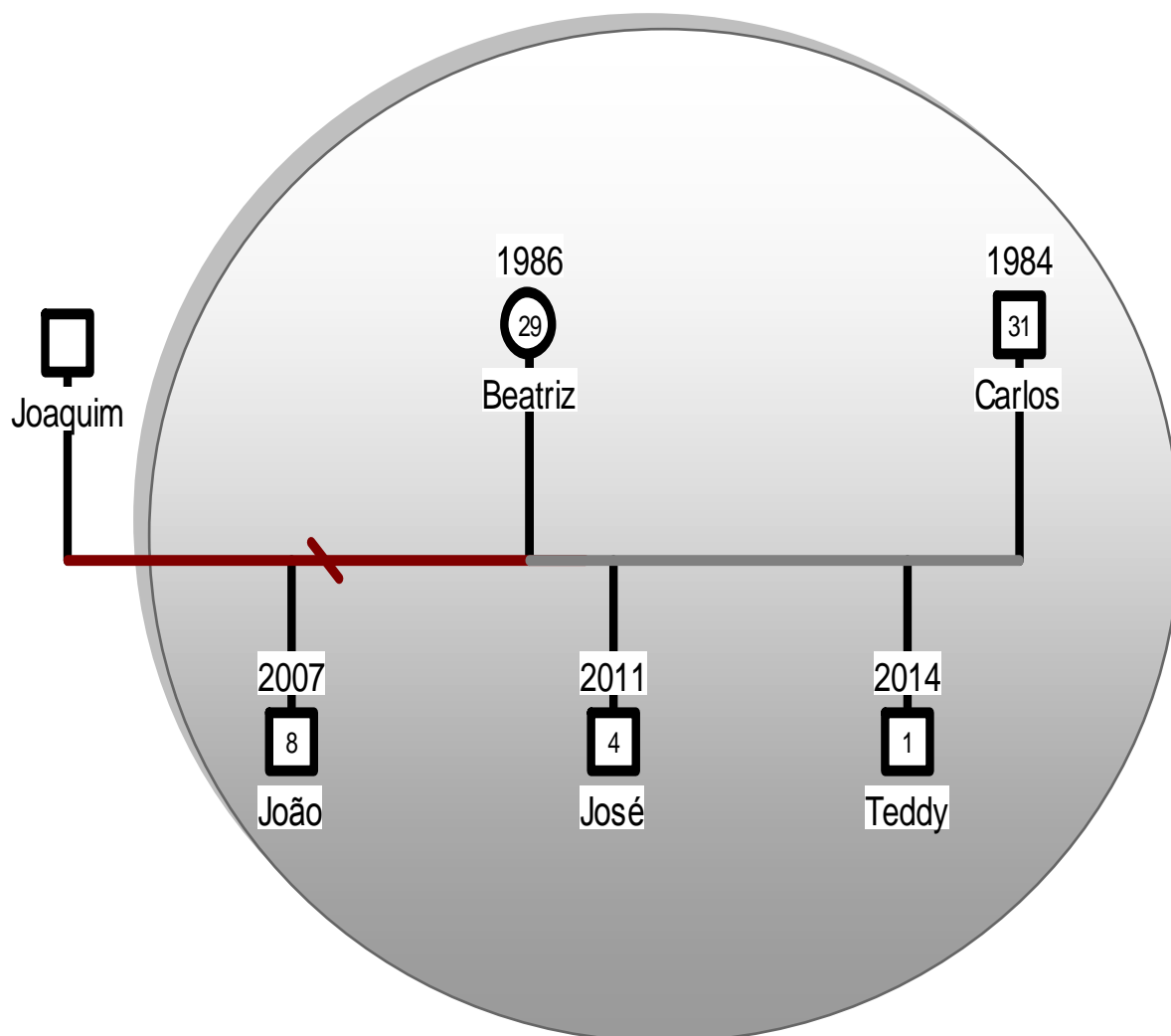
de idade, não mora mais na casa. A entrevista foi realizada com a filha mais velha, Carla, de trinta e seis anos.

Esta família encontra-se no estágio denominado por Berthoud (1997) de fase madura, que constitui-se como a fase mais longa do ciclo vital, englobando a entrada de agregados, pois os filhos já se encontram em idade adulta, a saída dos mesmos de casa, a chegada de netos, a preparação para a aposentadoria, os devidos cuidados com a geração antecedente, bem como o início de perdas. Nesta fase, a estrutura familiar encontra-se ampliada entre pelo menos três gerações. Das características mencionadas pela autora, as presentes na família 1 são: aposentadoria dos pais, que no caso já se encontram aposentados, saída dos filhos de casa, tendo em vista a recente saída de Luís, os cuidados com a geração anterior e a entrada de agregados.

Carter e McGoldrick (1995) concordam que o estágio em que as famílias encontram-se no meio da vida é o mais longo e complementam que o lançamento dos filhos adultos e a entrada de seus cônjuges e filhos marcam o início desta fase, cabendo aos pais a tarefa de encontrar outras atividades de vida ao lançarem seus filhos. As autoras apontam para o fato de nesta fase ocorrer o maior número de entradas e saídas de membros da família, sendo este o aspecto mais significativo desse estágio do ciclo de vida. Este também pode ser visto como um momento de conclusão e fruição e como uma oportunidade de explorar novos papéis e possibilidades ou pode acarretar em um sentimento de vazio e perda (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).



## FAMÍLIA 2:



A família nuclear 2 é composta por um casal com dois filhos, sendo que o primeiro é fruto de um relacionamento anterior da mãe, mais o Teddy, que está na família há um ano e

meio. A entrevista foi realizada com a mãe, Beatriz, de vinte e nove anos, tendo seu filho mais velho João, de oito anos de idade, participado em alguns momentos.

Esta família encontra-se na etapa denominada por Berthoud (1997) de fase de aquisição, englobando o casamento e a decisão de ter ou não filhos, estendendo-se até a adolescência dos mesmos. Esta fase é assim denominada por envolver, dentre outras, metas que visam construir o patrimônio familiar e promover os estudos dos filhos.

Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que a mudança que ocorre neste estágio em que as famílias possuem filhos pequenos, diz respeito ao fato de os adultos avançarem uma geração e se tornarem cuidadores da geração mais nova, tendo tarefas domésticas, financeiras e referentes à educação dos filhos e responsabilidades específicas que dizem respeito ao próximo nível da família.

## **4.2 NÚCLEOS TEMÁTICOS:**

### **4.2.1 Decisão em adotar/comprar o animal**

Neste núcleo temático incluem-se os motivos, os critérios escolhidos e as expectativas que integraram o processo decisório referente à adoção/compra do animal, relatados pelas famílias entrevistadas. Ambas as famílias relatam que, antes da decisão, houve muito diálogo entre os membros e que já haviam convivido com outros animais, principalmente cães, durante grande parte de suas vidas, sendo este um dos motivos que influenciaram na decisão de inserir um cão em seus lares. Outro ponto em comum entre a família 1 e a família 2 é o de que elas queriam cães de porte pequeno e realizaram uma pesquisa sobre algumas raças. A primeira adotou Mel, uma cadela que não possui uma raça definida, e a segunda comprou um cão do sexo masculino, Teddy, da raça *Yorkshire terrier*.

Sobre os motivos que levaram a família 1 a adotar o animal, no caso Mel, Carla relata que ela e sua irmã, Laura, estavam querendo um cachorro há algum tempo, pois sempre tiveram muitos cães quando moravam em casa, mas depois que se mudaram para um apartamento fizeram uma tentativa que não foi bem sucedida e acabaram não tendo mais. Ela acredita que um fato que ajudou na decisão em adotar o animal de estimação foi a aposentadoria dos pais. Com relação a esta última, Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que os ajustamentos à aposentadoria, constituem-se como uma das tarefas das famílias que se encontram no estágio tardio da vida.

Segundo Carter e McGoldrick (1995), para o aposentado, uma tensão especial a um casamento que, até o momento, equilibrava-se em esferas diferentes, pode ser criada, assim como o sentimento de vazio. Outras dificuldades mencionadas pelas autoras, que podem surgir nesta fase, são: a dependência financeira, a insegurança e a perda de parentes e amigos.

Já na família 2, Beatriz, relata os seguintes motivos:

F2: “Primeiro porque eu gosto, segundo porque as crianças também gostam e eles queriam um bichinho para brincar e eu acho que é legal já ensinar desde cedo a cuidar, a ter respeito, responsabilidade. Eu falei com ele pra ele ajudar, dar comida, limpar o potinho e eles ajudam.”

Beatriz relatou que convive com animais desde pequena, principalmente gato e cachorro, pois sua mãe sempre teve e gostou de bichos de estimação, mas com a formação da nova família, tiveram apenas um casal de periquitos, porém, seu filho mais velho, João, queria um animal com o qual pudesse brincar e acabou pedindo um cachorro de presente de aniversário. Com relação ao interesse de João por um animal de estimação, Haverkos, Hurley, McCune e McCardle (2013) afirmam que, ao ser estudado por diversos pesquisadores o fenômeno da biofilia nas crianças, descobriu-se que elas possuem uma atração aparentemente inata pelos bichos.

No que tange o convívio que Beatriz teve com os animais durante sua infância, Capote (2009) enfatiza que, em comparação às pessoas que nunca tiveram animais, ou só tiveram quando adultos, àqueles que os possuíram quando ainda eram crianças ou adolescentes acabaram sendo mais afeitos aos animais. Para Kidd *apud* Bogado e Faraco (1999), geralmente, quem teve esta convivência quando era criança, acaba incluindo novamente animais de estimação em sua família mais tarde, buscando passar o mesmo valor atribuído ao animal para seus filhos. Isto pode ser comprovado com a fala de Beatriz, a seguir:

F2: “... eles aprendem a ter amor ao bichinho, a ter respeito com ele, afinal é um ser vivo. Acho que isso é bom: dar carinho, ser carinhoso e respeitar. Pros meus filhos eu consegui passar o que eu queria e o que eu passei pra eles foi o que minha mãe sempre passou pra mim: se tu gosta, dá carinho, agora se tu não gosta, deixa ele no cantinho dele, não maltrata...”

Nesta fala fica claro o que Berthoud (1997) chamou de valores familiares, isto é, a ideologia que está implícita no sistema familiar; os “aspectos da vida individual e coletiva que são passados de forma implícita ou explícita entre os componentes do grupo” (BERTHOUD, 1997, p. 143).

Durante o processo da decisão de ter um cachorro, na família 1, Carla comenta que o assunto foi conversado em sua família durante, aproximadamente, três meses. Admite, porém, que inicialmente, sua mãe, Ana, manteve-se mais resistente do que seu pai, Aldo, pela questão de morar em apartamento e por achar que as tarefas com os cuidados do cão acabariam ficando só para ela. Na família 2, Beatriz também relata que houve diálogo entre ela, seu marido, Carlos, e os filhos do casal, já que João tinha manifestado sua vontade de ter um cachorro.

Para Serpell (2013), apesar de a prática de criar animais de estimação existir há milhares de anos e de parecer que as pessoas de todas as culturas gostem disto, é improvável que anteriormente a guarda deles tenha atingido o nível de popularidade que possui hoje. O autor destaca que, nos Estados Unidos, o número de cães de estimação chega a aproximadamente 77,5 milhões, o que resulta em 45,6 milhões de lares em que os mesmos estão inseridos, segundo recentes levantamentos. Já no Brasil, o número de cães vivendo em lares chega a 52,2 milhões, como apontou a pesquisa realizada pelo IBGE, em 2015. De acordo com Serpell (2013) e Faraco (2008), foi nos anos 1970 e 1980 que essa popularidade dada aos animais de estimação explodiu.

Serpell (2013) traz as seguintes justificativas para a popularidade dos mesmos: “... são basicamente parasitas sociais, animais que desenvolveram técnicas especiais para persuadir os seres humanos a cuidar deles, liberando e explorando os instintos parentais inatos” (ARCHER *apud* SERPELL, 2013, p. 32). Serpell (2013) aborda as relações que são estabelecidas entre as pessoas e os animais como sendo um exemplo de relações mutualísticas, ou seja, relações nas quais há proveito mútuo por parte das duas espécies diferentes que estão envolvidas nas mesmas, sendo este outro fato que pode justificar o aumento no número de animais de estimação. De acordo com o autor, os animais parecem evocar nas pessoas reações supostamente ternas.

Sobre os critérios escolhidos pela família 1, Carla relata que após sua mãe, Ana, começar a cogitar a hipótese de ter um cão, esta estipulou que teria que ser um cachorro pequeno, do sexo feminino e que não soltasse muito pêlo. Sendo assim, inicialmente, as raças cogitadas foram: *Pinscher*, *Chihuahua*, *Bulldog Francês* ou *Pug*. A partir daí, começaram a pesquisar sobre esta última raça e os preços, pois a princípio iriam comprar. Porém, descobriram que os *Pug*’s apresentam alguns problemas característicos da raça, além do preço ser alto. Após isso, a avó de Carla, sabendo do interesse da família por um cão de porte

pequeno, surgiu com a notícia de que o vizinho dela estava doando um filhote de *Pinscher*. A família foi visitá-lo, com o intuito de conhecer o filhote, e acabou se encantando por Mel e adotando-a.

F1: “... na época a gente até fez meio que uma pressão psicológica, achava imagem de *Bulldog Francês* e de *Pug* na internet aí mandava por email para o meu pai dizendo: ‘olha pai, que fofo, que lindinho’, porque o meu pai é mais fácil nessa parte, e ele ia ficando assim meio mexido, meio interessado e minha mãe: ‘não porque cachorro dentro de casa, vocês vão sair e vai sobrar pra mim, quem é que vai descer com esse cachorro’.”

Na família 2, Beatriz expõe que os critérios escolhidos foram os de que teria que ser um animal pequeno e dócil por causa das crianças. Comenta que, após o pedido de João por um cachorro, ela e seu marido começaram a olhar cães da raça *Yorkshire terrier* para comprar e acabaram comprando o Teddy, que, atualmente, está com um ano e meio de idade. Beatriz relata ainda que, apesar deles terem atendido ao pedido do filho mais velho, presenteando-o com o cão, ele é de José também. João, que estava presente no momento da entrevista, falou que eles queriam um cachorro do sexo feminino, por acharem ser mais educado, mas como não estava disponível uma fêmea dessa raça, então compraram um do sexo masculino mesmo, mas a mãe complementou que foi só ensinar o Teddy que ele aprendeu.

Sobre a escolha do animal, para Haverkos, Hurley, McCune e McCardle (2013, p. 95), “é importante que as pessoas escolham o animal certo para a família.” Com as crianças, por exemplo, mesmo que os animais de estimação possam promover o desenvolvimento saudável das mesmas e que benefícios possam ser proporcionados pelos animais, nem todos eles são compatíveis para todas as crianças, devendo ser considerados alguns fatores, visando o asseguramento do melhor ajuste deles à unidade familiar e mais seguro. Estes fatores são os seguintes: o tempo e o custo que envolve o cuidado necessário para com o animal; a idade; as espécies ou raças que se adaptam melhor tanto ao estilo de vida da família quanto às atividades; o espaço que a casa dispõe e; saber sobre a condição de saúde das crianças que moram na casa, por exemplo, se elas têm alergia a animais (HAVERKOS, HURLEY, MCCUNE E MCCARDLE, 2013).

Na família 2, foi possível perceber que Beatriz teve esse cuidado com os filhos, na escolha do animal, ao afirmar que o principal critério era o de que teria que ser um cão que apresentasse principalmente a característica de ser dócil e de porte pequeno, escolhendo um *Yorkshire terrier* para interagir com as crianças. Haverkos *et al* (2013) destacam que levar em conta raça, cuidado veterinário, treinamento e nutrição são critérios que devem estar incluídos

para que haja uma escolha, preparação e combinação adequadas, do animal com a criança. O cuidado e o respeito mútuos são o segredo para uma relação harmoniosa entre crianças e animais de estimação, continuam as autoras.

Com relação às expectativas que as famílias tiveram na escolha de seus respectivos animais de estimação, ambas afirmaram que elas foram supridas. Na família 2 tanto Beatriz quanto João concordaram. Sobre as que foram supridas e as que não foram, as famílias deram essas respostas:

F1: “As expectativas foram supridas, mais do que a gente esperava até. Claro que não supriu no sentido de que a gente queria um cachorro pequeno né... Aí ela foi crescendo, crescendo, só que o amor por ela já era tão grande, que pra nós assim ela superou.”

F2 (Beatriz): “Sim... é tranquilo, ele é bonzinho.”

F2 (João): “Ao menos jogar um pauzinho e ele vir me dar, mas aí ele pega e sai correndo e a gente passa um trabalho para pegar ele.”

Caetano (2010) ressalta que, no decorrer do tempo, além das pessoas e dos animais terem aprendido a conviver uns com os outros, tendo esta proximidade trazido vantagens, foi havendo cumplicidade e respeito nessa relação, fazendo com que fossem promovidas relações especiais entre ambos, que acabaram tornando-se companheiros nesse processo de aproximação. A necessidade de ser ter um animal em casa acarretou numa relação de familiaridade e afetividade e o animal tornou-se um elemento de contentamento emocional nas mais variadas culturas e classes sociais, continua a autora.

#### **4.2.2 Significado do animal para a família**

Neste núcleo temático surgem as questões referentes ao significado que as famílias dão a seus respectivos animais de estimação. Os pontos relevantes e em comum que surgiram aqui, entre ambas as famílias são: o fato de elas considerarem seus cães como filhos, como é possível observar no genograma apresentado; o de elas terem mencionado a palavra “amor”; e o de elas atribuírem aos seus cães algumas características humanas, fenômeno este chamado de antropomorfismo.

Fuchs (1987) destaca que cada pessoa atribui um significado ao seu animal de estimação e o mesmo irá depender das necessidades psicológicas de cada um, das características individuais dos sujeitos que interagem entre si.

Sobre a questão da família 1 e da família 2 perceberem seus animais como integrantes da família, mais especificamente como filhos, Haverkos *et al* (2013) afirmam que muitos cães de estimação, se não a maioria deles, acabam apegando-se demais às famílias, sendo considerados e tratados por elas como filhos. Isto realmente ocorre em ambas as famílias, como é possível perceber nas seguintes respostas que elas deram, a respeito de considerarem ou não seus cães como membros da família:

F1: “Para mim é a minha filha, tenho um instinto materno muito aflorado e acho que ela ocupa um pouco esse espaço, essa vontade de ser mãe.”

F2: “Com certeza, para mim é como um filho.”

Com relação a isto, Carvalho e Pessanha (2012) ressaltam que, na atualidade, um papel diferenciado está sendo assumido pelos animais de estimação nas relações intra-familiares, e os mesmos chegam a ser considerados por seus donos como membros da família, como decorrência, principalmente, do antropomorfismo. Dammann e Berger *apud* Haber (1998, p. 33) levaram em conta a distinção de quem inserir na família e acabaram descobrindo que “... muitos lares incluem membros que não fazem parte da família e muitas outras famílias possuem membros que vivem fora do lar.” No caso das famílias entrevistadas, ambas incluíram membros que até então não faziam parte delas, os cães.

McCardle, McCune, Griffin, *et al* (2013) concordam que atualmente os animais, além de prestarem serviço nas situações mais inusitadas e às pessoas, em papéis tradicionais, como por exemplo os cães-vigias e os cães-guias, respectivamente, também são, com frequência, considerados parte da família. “Em muitas comunidades, os animais de estimação se mudaram do quintal para a família, e a guarda desses animais só faz crescer” (MCCARDLE *et al*, p. 17). Isto pode ser comprovado diante das seguintes falas:

F1: “Ela é um membro da família, faz parte da família, acho que a gente não consegue mais ver a família sem ela. Pra mim às vezes até parece que ela não é um cachorro.”

F2: “ele é quase como se fosse uma pessoa, tem as mesmas vontades, de comer, de beber (...) Ele é que nem as crianças, bem criança mesmo.”

Nestas falas foi possível perceber o processo denominado de antropomorfização no qual, de acordo com Faraco e Semiotti (2004), o animal passa a ser considerado além de suas particularidades genéticas e biológicas, havendo uma humanização do mesmo, portanto, uma recriação do animal contendo atributos humanos e, deste modo, este passa a ser tratado como se assim fosse.

Na família 1, Carla relata que chega a questionar com sua psicóloga essa relação que tem com a Mel, como é possível perceber no relato:

F1: “... tudo o que eu penso, eu penso nela. Às vezes eu chego a falar com a minha psicóloga: ‘eu acho que eu tô meio doida, isso aí não é meio perigoso, eu não tô meio errada não?’ Porque eu acho que eu tô meio exagerada, porque eu tenho ela como minha filha e a psicóloga me dá o maior apoio.”

Na família 2, após Beatriz relatar que considera o animal como um filho, a entrevistadora pergunta para seu filho mais velho, João, se, sendo assim, ele considera o Teddy como um irmão e o menino responde que sim e complementa que gosta muito dele e que adora brincar e correr com ele. A mãe diz que o cão inclusive dorme na cama junto com ele e o irmão, José. Sobre essa proximidade dos meninos com seu cão, Haverkos *et al* (2013) afirmam que, para crianças acima de cinco anos de idade, os cães podem ser membros maravilhosos na família, se forem bem socializados e treinados. As autoras recomendam esta idade para a criança ter um cachorro, pois é aos cinco anos que ela conhece a palavra “não” e passa a entender o que é bondade, podendo ser ensinada a interagir de forma segura com o animal, conseguindo demonstrar autocontrole.

Cabe destacar que, na família 1, num dado momento da entrevista, Mel encontra-se no colo de Carla e lambe seu rosto, e esta acrescenta os seguintes comentários:

F1: “Queria só dizer que eu amo muito ela (...). Hoje, por exemplo, eu senti falta de uma coisa, porque todo o mundo que acorda ela vai lá dar bom dia e hoje ela não deu bom dia, ela tava ferrada no sono e eu senti falta de manhã, ou eu vou lá, mas aí eu não quis ir lá acordar ela, mas quando eu fui trabalhar senti falta: poxa não ganhei o meu ‘vai com Deus.’ E eu amo demais... É a minha paixão e eu sinto muita falta quando ela não está em casa.”

F1: “Daí essa semana ainda eu comprei uma medalhinha de uma patinha (...). Esses dias eu queria comprar enxovalzinho, essas coisas, aí fui parar lá na sessão de bebê de uma loja, atrás de lençolzinho pra ela, que ela tem todo um enxoval né. E eu tenho muito orgulho de falar dela.”

Na família 2, Beatriz relata o seguinte:

F2: “Uma vez perdemos o Teddy e choramos muito... ele fugiu de manhã cedo e a gente não achava mais ele, colamos cartazes por tudo e no outro dia de manhã cedo ele voltou (...). É, a gente sente né, acostumado com o bichinho, cria amor por ele.”

#### **4.2.3 Alterações na dinâmica familiar e na rotina da casa após a inclusão do animal**

Neste núcleo temático surgem as mudanças ocorridas em ambas as famílias com a chegada do animal. As duas reconhecem que houve mudanças tanto em sua dinâmica quanto



na rotina da casa, após a chegada do animal. Por dinâmica familiar, de acordo com Berthoud (1997), entende-se as formas pelas quais as famílias funcionam, envolvendo os papéis familiares, a meta/ideal da família, as relações hierárquicas e o processo emocional de transição, ou seja, o que está mobilizando e/ou preocupando a família na respectiva fase de vida em que esta se encontra.

Essas mudanças podem ser percebidas nas falas a seguir:

F1: “Eu lembro que cada um tinha um horário para chegar em casa... Cada um comia no seu momento, se falava um pouco, mas todo mundo ia pro seu quarto, na sua televisão, ficar deitado. Com a chegada dela ela quebrou isso tudo, ela reaproximou a família toda, porque aonde ela tá a gente meio que tá junto... Ela fica muito no quarto da minha mãe e hoje fica muito eu, minha mãe, minha irmã e ela no quarto da mãe e isso faz a gente conversar mais entre a gente.”

F2: “Agora tem mais responsabilidade né, tipo, se a gente for sair, ou leva ou arruma alguém para ficar com ele, essas coisas assim, mas não mudou muita coisa porque a gente já sempre gostou de bicho, então pra gente é normal né. Ao menos para meu marido que nunca foi muito agarrado com bichinho, mas até que o Teddy deu uma amolecidinha no coração dele.”

Beck (2013) ressalta que, no sistema familiar, os animais de estimação podem aliviar ocasiões emocionais que não são confortáveis entre duas pessoas, como pai ou mãe e filho, por exemplo. Na família 1, Carla confessa que Mel uniu mais a família pois, atualmente, existe mais diálogo entre ela, seus pais e seus irmãos, porque todos acabam ficando no mesmo ambiente em que ela está, fazendo com que haja mais interação entre eles. Relata que o amor que Mel dá para eles é inexplicável, que ela reaproximou a família toda e que a mesma não teve dificuldade na adaptação dela no apartamento, adequando-se muito bem tanto ao ambiente quanto à família. Carla comenta o seguinte:

F1: “Deus fez a melhor escolha de cachorro, porque a gente poderia ter pego um cachorro que não fosse carinhoso assim né, como a gente já teve essa experiência de ter... E ela quer estar sempre com a gente. Deus mandou certo: ‘essa família tá precisando disso e veio uma vira-lata meio falsificada que coincidentemente era um cachorro que eu sempre quis ter.’ ”

Na família 2, Beatriz fala que, como sempre conviveu com os animais, a única mudança diz respeito à responsabilidade, pois esta aumentou, e acredita que a mudança maior tenha sido para seu marido, Carlos, que, segundo ela, nunca foi muito apegado aos animais, porém relata que o Teddy acabou fazendo com que ele passasse a gostar.

Na família 1, Carla também acredita que outra mudança referente à rotina foi o fato de Mel ter deixando a família mais sensível. Comenta que inclusive seu irmão, Luís, que não mora mais com eles, de vez em quando pergunta da cadela, diz que está com saudades e pede

para Carla levá-la no apartamento dele. Complementa que quando eles saem juntos, a maioria dos assuntos acaba sendo sobre Mel, como é possível observar nos seguintes relatos:

F1: “E eu acho que ela mudou a rotina também assim de deixar a gente mais sensível sabe, mais de dar beijo, abraço. Quando a gente sai para almoçar, a maioria dos assuntos é ela, compartilhar as coisas que ela fez hoje. Ela acorda para dar bom dia, aí a gente acorda também, porque ela acaba acordando todo mundo, aí a gente senta e fala dela... Ela reaproximou a família, sem dúvida.”

Na família 2, sobre a rotina da casa, Beatriz relata que seus filhos a ajudam com as tarefas referentes aos cuidados do Teddy. No que se refere ao contato de João e José com seu animal de estimação, Beck (2013, p. 66) ressalta que “... o interesse da criança pelos animais pode melhorar a dinâmica familiar.” Beatriz expõe que os meninos, além de ajudá-la a cuidar dele, também dão a atenção que o Teddy precisa, como é possível observar na fala que segue:

F2: “No dia-a-dia, eles percebem que tem que cuidar, que ele precisa de atenção também, que ele precisa tomar água, que ele tem que ter água no potinho dele, comida, essas coisas.”

No que tange essa sensibilidade mencionada por Carla e, tendo em vista que a mesma também convive com animais há bastante tempo, assim como Beatriz que convive com eles desde sua infância, Dotti *apud* Volpi e Zadrozny (2012) destaca que as pessoas que interagiram com os mesmos desde a infância acabaram se tornando adultos mais sensíveis, pois ao brincar com eles acabaram aprendendo a se preocupar com os outros, e não apenas consigo. Carla ressalta que seu pai, Aldo, acaba brincando com a Mel, como é possível perceber na fala a seguir:

F1: “Eu acho que ela quebrou um pouco esse gelo da gente meio que ser adulto assim né, a gente vai ficando mais fechado, não demonstra tanto e ela fez a gente expor mais: meu pai de ficar brincando com ela e minha mãe, que no fundo não queria ela hoje até chama ela: ‘vem com a vovó, sabe. Então a gente vê que ela, de algum modo, quebrou um pouco essa coisa de adultos assim.”

Segundo Costa, Jorge, Saraiva e Coutinho (2009), os animais também inspiram brincadeira e humor, como percebido na fala acima. Com relação a isso, segundo Kassis e Berzins (2002), em decorrência da espontaneidade instintiva e pureza dos cães, há um aumento da capacidade de amar do sujeito e um resgate da criança interior que existe nele, como foi possível perceber em Aldo. Sobre ele, Carla relatou o seguinte:

F1: “Meu pai acaba entrando no meu quarto para dar boa noite para ela e aí ele dá boa noite pra mim, sabe, coisa que antes um pai ir dar boa noite para a filha de trinta e poucos anos fica mais raro assim pela coisa do adulto... Então ela é um link assim.”

Caetano (2010) ressalta que no processo de aproximação ocorrido entre animais de estimação e pessoas, a necessidade de inseri-los, acabou se tornando uma relação de familiaridade e afetividade e estes tornaram-se um elemento de contentamento emocional.

#### **4.2.4 Efeitos da interação humano-animal para as famílias**

Incluem-se aqui os aspectos positivos e negativos decorrentes da relação que foi estabelecida entre as famílias participantes e seus animais de estimação, bem como os papéis exercidos pelos mesmos em cada família. Ao ser perguntado se elas acreditam que essa convivência com seus cães produziu efeitos, ambas responderam afirmativamente. A família 1 teve mais facilidade em mencionar os aspectos positivos do que os negativos. A família 2 afirmou não ter nada de negativo na relação.

Quanto aos positivos, na família 1, os aspectos e papéis mencionados, além do fato de Mel ter reaproximado a família, foram: de quebra-gelo; de transmitir amor, reacendendo-o na família, fazendo com a mesma o relembresse; de apoio emocional e social; de suprir carências maternas existentes em Carla, carências que também existem em seu pai, Aldo, que tem muita vontade de ser avô e que hoje fala que Mel é sua “netinha de quatro patas” e o de receber a família sempre que algum membro chega em casa. Carla relata o seguinte:

F1: “... me perguntaram outro dia: ‘o que faz você feliz?’ e eu respondi que uma das coisas que me fazem feliz é chegar em casa e vê-la. Parece assim que, apesar de o dia inteiro ter sido desgastante, chegar em casa é maravilhoso, é uma coisa que só quem tem um bichinho desse sabe explicar.”

Na família 2 os positivos são: o fato de Beatriz acreditar que a convivência que teve com os animais desde sua infância ter feito com que ela se tornasse uma pessoa melhor; o de Teddy ter um papel ‘brincalhão’ na família e o de o cão ensinar seus filhos a ter mais responsabilidade, amor e respeito com os animais.

Mesmo, na família 1, Carla tendo afirmado, inicialmente, que não via nada de negativo na relação da família com o animal, os aspectos negativos mencionados por ela foram: o receio que Carla tem de acabar criando uma dependência do carinho de Mel, chegando a conversar sobre isso com sua psicóloga; de perdê-la, pois Carla acredita que não estaria preparada para isso e que sua família também sofreria se algo acontecesse com a cadela; o de em alguns momentos esquecer que Mel é um animal e o de a mesma não ser muito sociável para passear, sendo isto uma frustração que Carla tem, pois às vezes ela quer levar o animal para a rua, andar com Mel na coleira, porém esta não quer, mas acredita que

isto tenha a ver com o fato da cadela ser muito agitada e não querer ficar contida, presa. Alguns destes aspectos apareceram nas falas que se apresentam na sequência:

F1: “... acho que talvez o negativo pra mim seja, falando pessoalmente, acabar criando tipo uma dependência desse carinho dela. Às vezes eu me questiono se isso é normal, tanto que eu levo às vezes pra minha terapia. Tipo se ela morresse hoje sabe, eu ia sofrer demais assim, então acho que é nesse sentido... eu mesma não estaria preparada psicologicamente e sentimentalmente para perdê-la. Eu acho que é como se morresse alguém muito próximo mesmo da minha família, é bem esse o sentimento.”

F1: “Acho que o negativo é de esquecer às vezes que ela é uma cachorra, de vez em quando eu confesso que me vejo falando com ela como se fosse uma criança, e não só eu né, minha mãe também.”

Na família 2, o fato de Beatriz não mencionar nada de negativo pode ser percebido na seguinte fala:

F2: “Não, eu acho que não teve nada de negativo, só positivo assim.”

Sobre o papel do animal nas famílias, elas responderam o seguinte:

F1: “... de quebrar o gelo e fazer a gente lembrar florescer o amor de novo entre a gente. Ela transmite tanto amor assim que eu acho que ela faz a gente repensar no amor, no afeto com o outro, sabe? Ela dá um amor assim, e ela vê quando a gente está chorando, ela vai lá lambe, fica preocupada. Ela é, não sei, às vezes eu digo: ‘só falta falar mesmo’.”

F2: “Um papel mais brincalhão, pois ele é que nem as crianças.”

Os papéis desempenhados pelos animais, de acordo com Faraco (2008), são os seguintes: de objeto de apego; de agente tranquilizador, de veículo simbólico, no que tange a expressão de emoções, e de facilitador social. Ajudar na diminuição do estresse, estimular as pessoas a fazerem exercício e combater o isolamento e a depressão, são mais alguns desses papéis (FARACO, 2008).

Serpell (2013) concorda que os animais de estimação podem servir como fonte de apoio emocional e acrescenta que eles também podem fazer com que a saúde de seus donos melhore. Esses papéis podem ser percebidos em Mel, quando Carla relata que a mesma chegou em um momento de sua vida no qual ela estava passando por uma fase difícil, pois relata que estava frustrada em todos os campos de sua vida e que o animal acabou trazendo a alegria que ela estava precisando naquele momento, amenizando-o, assim como ameniza até hoje, segundo ela. Porém afirma que, atualmente, seu trabalho lhe dá alegria, pois trabalha com crianças e lá recebe amor, assim como também o recebe de Mel. O fato desta ter servido como uma fonte de apoio emocional, pode ser observado na fala a seguir:

F1: “... eu digo que ela foi mesmo um presente de Deus em minha vida. Ela entrou na minha vida numa fase que eu tava bem gorda, acho que isso é importante dizer. Estava muito frustrada no trabalho. Foi uma fase bem difícil pra mim, era um trabalho muito estressante, muita cobrança e trabalhava com beleza, e eu tava gordinha, foi antes de fazer a minha cirurgia de redução do estômago. Por isso que eu digo então que ela trouxe uma alegria assim que, na época, eu tava precisando sabe.”

Costa, Jorge, Saraiva e Coutinho (2009) enfatizam que a relação homem-animal, é revestida de um caráter dinâmico e benéfico, incluindo tanto as trocas de vivências físicas, emocionais e psicológicas entre os sujeitos, quanto o aspecto da companhia que os animais proporcionam. Para as autoras, uma significativa melhoria na qualidade de vida dos sujeitos, aumento nos estados de felicidade, fazendo com que os sentimentos de solidão sejam reduzidos, melhoria das funções físicas e da saúde emocional e a promoção de experiências estimulantes, são benefícios proporcionados pelos animais de companhia. Isto pode ser percebido quando Carla relata que Mel trouxe uma alegria na qual ela estava precisando em uma fase difícil de sua vida.

Serpell (2013) traz resultados de comprovações científicas referente ao papel que os animais de estimação possivelmente exercem na vida das pessoas. O autor afirma que os mesmos parecem se encaixar no paradigma de proteção social/apoio social, definido como um construto que irá expressar a sensação de pertença, intimidade com os outros e obrigação que os indivíduos têm, bem como o grau de inserção social dos mesmos. Este papel pode ser percebido quando Carla faz o seguinte comentário:

“Inclusive eu tenho até uma tatuagem com o nome dela e é muito legal porque aí as pessoas perguntam do nome escrito em meu pulso e eu respondo que é o nome da minha cachorra, aí eu conto a história dela e todo o mundo adora.”

No que diz respeito a isto, para Costa, Jorge, Saraiva e Coutinho (2009), os animais funcionam como lubrificantes sociais, pois a presença dos mesmos serve de estímulo para as pessoas conversarem umas com as outras.

Sobre como a família percebe essa relação com o animal, Carla responde o seguinte:

F1: “Não sei te responder o grau do que ela é para cada um, mas eu acho que se realmente acontecesse alguma coisa com ela, todo mundo ia sofrer. Eu acho que ela até supre algumas carências, tipo, eu tenho muita vontade de ser mãe, então ela tem suprido um pouco disso, apesar de não ser uma criança. E meu pai tem muita vontade de ter neto e às vezes eu pego ele dizendo: ‘ah porque eu tenho a minha netinha, de quatro patas’, sabe. Mais nesse sentido, por isso é que eu te digo: não sei até que ponto isso é positivo ou negativo.”

Na família 2, Beatriz, que convive com animais desde pequena, acredita que essa convivência contribuiu para ela “ser uma pessoa melhor,” de tal forma que procura ensinar isso para seus filhos: do amor, do carinho e de ensinar a dar mais responsabilidade para eles. Com relação a isto, para Beck (2013), o fato de os animais de estimação serem bons para as crianças, ensinando-as a ter responsabilidade, constitui-se como uma crença muito comum. Para Beck (2013), os animais também exercem um importante papel na vida imaginária das crianças, sendo mais do que seres comuns no cotidiano das mesmas, conseguindo ensiná-las valores sem associar juízos de valor.

Quando perguntado para Beatriz se ela acredita que essa convivência produziu efeitos para a família, esta respondeu o seguinte:

F2: “Eu acho que sim. Eu acho legal porque eles aprendem a ter amor ao bichinho, a ter respeito com ele né, afinal é um ser vivo.”

Sobre os efeitos da convivência das crianças com os animais, Beck (2013) ressalta que, no desenvolvimento infantil, efeitos profundos podem ser exercidos, decorrentes do contato generalizado com eles, sendo que os papéis que os animais irão desempenhar nesse desenvolvimento são numerosos. A melhora nas habilidades sociais, ser o melhor amigo da criança e ajudá-la a demonstrar uma sensibilidade mais acentuada, também são outros benefícios mencionados pela autora no que tange a relação da criança com o animal de estimação.

Costa *et al.* (2009) citam uma pesquisa que foi realizada por McNicholas e Collis em 2001, com o intuito de fazer uma investigação sobre a relação que as crianças têm com seus animais de estimação, sobre as subjetividades da mesma, na qual foi possível observar que elas viram seus animais como confidentes para um segredo e como fontes de suportes para a estima e de conforto. As autoras também trazem desvantagens do convívio com bichos de estimação, como por exemplo, as mordidas, alergias, zoonoses e custos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade atual além das mudanças ocorridas nas configurações familiares, pode-se observar que também houve uma mudança no papel que os animais de estimação vêm exercendo nos mais variados ambientes, como por exemplo, nos lares, nas escolas e nos hospitais, chegando a ser utilizados por profissionais de diversas áreas em programas terapêuticos como a TAA e a AAA, que partem da premissa de que o afeto que pode surgir entre as pessoas e os animais irá resultar numa série de benefícios aos pacientes durante o tratamento de suas enfermidades. Observa-se assim, que os animais estão cada vez mais presentes nesses ambientes.

Para tanto, faz-se fundamental buscar o entendimento da interação que ocorre entre os seres humanos e os animais, o que leva as famílias a incluí-los em sua dinâmica e quais são os aspectos positivos e negativos dessa relação. Deste modo, levou-se em consideração recentes pesquisas abordando a temática, onde foi possível perceber um crescente interesse pelo tema, dado o relevante número de pesquisas encontradas na literatura científica abrangendo o mesmo.

Posto isto, a presente pesquisa teve como objetivo a compreensão da influência de animais de estimação no convívio familiar. Constatou-se que os mesmos exercem um papel fundamental e benéfico nas famílias que participaram deste estudo, dentre eles destacam-se os de objeto de apego, de apoio social e emocional, de quebra-gelo, de suprir carências maternas, de reaproximar a família fazendo florescer o amor novamente entre os membros, motivá-los a interagir por meio de brincadeiras, de ensinar desde cedo o que é responsabilidade e respeito, etc. Porém, aspectos negativos também foram encontrados em uma das famílias, como por exemplo, um receio de acabar criando uma dependência do carinho proporcionado pelo cão, bem como o de, às vezes, esquecer que o mesmo é um animal, atribuindo a ele características humanas, sendo este fenômeno chamado de antropomorfismo.

Os núcleos temáticos apresentados na descrição dos resultados permitiram um entendimento mais detalhado sobre o que leva as famílias a inserir animais de estimação em seus lares, sobre o significado que as mesmas atribuem a eles, sobre as alterações que ocorreram na rotina da casa e na dinâmica familiar com a chegada do animal e, finalmente, sobre os aspectos positivos e negativos dessa relação.

Diante do que foi pesquisado, a motivação das famílias em inserir os animais de estimação em suas dinâmicas familiares está associada a diferentes motivos, surgidos em diferentes fases da vida em que cada família participante se encontrava. Uma delas encontrava-se na fase madura, englobando, dentre outros acontecimentos marcantes, a aposentadoria dos pais, que foi justamente uma das motivações que a família teve para adotar um animal. Já a outra família, que tem dois filhos pequenos, encontrava-se na fase de aquisição, onde o jovem casal estava voltado para as tarefas que diziam respeito à criação dos filhos, tendo surgido de um deles o interesse em ter um animal de estimação em casa, com o qual pudesse brincar. Outra motivação foi percebida por parte da mãe, que por ter convivido durante toda sua infância com animais, acredita que eles a ajudaram a ser uma pessoa melhor e o mesmo deseja para seus filhos, dando a oportunidade de aprenderem com os animais a ter responsabilidade, amor e respeito por eles.

Mesmo com o crescente número de pesquisas abordando a temática, ainda faz-se necessário mais estudos que investiguem os efeitos que os animais podem proporcionar aos seres humanos. As pesquisas existentes até o momento mostram que o cão vem sendo um importante mecanismo facilitador de afetos e estímulos.



## REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Nathan W. **Diagnóstico y tratamiento de las relaciones familiares**. Buenos Aires: Hormé, 1971.
- ANDOLFI, Maurizio. **A Terapia Familiar**. Editorial Vega, 1981.
- BECK, Alan M.. A saúde e o desenvolvimento da criança e os animais. In: MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James A.; ESPOSITO, Layla; FREUND, Lisa S. (orgs.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. São Paulo: Papirus, 2013.
- BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Um olhar na família paulista. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; & BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1997.
- BOGADO, Caroline Hoff Dominguez; FARACO, Ceres Berger. **Repercussão da terapia mediada por animais sobre o comportamento pró-social em criança institucionalizada**, 1999. Disponível em: <https://psicologia.faccat.br/moodle/pluginfile.php/197/course/section/99/caroline.pdf>. Acesso em: 07/03/2015.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. In: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, n.1. 2005. Disponível em: [http://www.unisc.br/portal/upload/com\\_arquivo/aprendendo\\_a\\_entrevistar\\_como\\_fazer\\_entrevistas\\_em\\_ciencias\\_sociais.pdf](http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/aprendendo_a_entrevistar_como_fazer_entrevistas_em_ciencias_sociais.pdf). Acesso em: 05/03/2015.
- CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. **As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à Psicologia**. Trabalho de Conclusão de Curso – Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), Criciúma, 2010. Disponível em: <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/As-contribuicao%CC%81%E2%80%B0es-da-TAA-O%CC%88-Psicologia.pdf>. Acesso em: 15/03/2015.
- CAPOTE, Patricia Sidorenko de Oliveira. **Terapia Assistida por Animais (TAA) e Deficiência Mental: análise do desenvolvimento psicomotor**. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos-SP, 2009. Disponível em: [http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2460](http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2460) Acesso em: 12/03/2015.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- CARVALHO, Roberto Luís da Silva; PESSANHA, Lavínia Davis Rangel. **Relação entre famílias, animais de estimação, afetividade e consumo: estudo realizado em bairros do Rio de Janeiro**. Sociais e Humanas, Santa Maria, v. 26, 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Ricardo/Downloads/6562-53930-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Ricardo/Downloads/6562-53930-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 07/03/2015.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; & BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Família e ciclo vital: Nossa realidade em pesquisa.** São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1997.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo – desconstruindo a patologia.** São Paulo: Livro Pleno, 2000.

COSTA, Edmara Chaves; JORGE, Maria Salette Bessa; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa.** Psicologia: Teoria e Prática, 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872009000300002&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872009000300002&script=sci_arttext). Acesso em: 10/03/2015.

DA MATTA, Roberto. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: Almeida *et al.* **Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade.** Rio de Janeiro: Co-edição Espaço e Tempo/Editora da UFRJ, 1987.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ELIZEIRE, Mariane Bräscher. **Expansão do mercado pet e a importância do marketing na medicina veterinária.** Trabalho de Conclusão em Medicina Veterinária. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/80759/000902205.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10/03/2015.

FARACO, Ceres Berger; SEMINOTTI, N. **A relação homem-animal e a prática veterinária.** Revista CFMV. Brasília, Ano X, 2004.

FARACO, Ceres Berger. **Interação Humano-Animal.** Ciência veterinária nos trópicos. Recife. V. 11, 2008.

FUCHS, H. **O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação.** Tese de doutorado (Psicologia Experimental). Faculdade de Psicologia. São Paulo: USP, 1987.

FÜLBER, Sabrina. **Atividade e terapia assistida por animais.** Trabalho de Conclusão em Medicina Veterinária. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52516/000851221.pdf?sequence=1>. Acesso em: 07/03/2015.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. **Na Língua dos Bichos: usando os mistérios do autismo para decodificar o comportamento animal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HABER, Russell. Introdução: Recursos da Consulta na Terapia de Família. In: ANDOLFI, Maurizio; HABER, Russell. **Por favor, ajude-me com esta família: usando consultores como recursos na terapia familiar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HAVERKOS, Lynne; HURLEY, Karyl J.; MCCUNE, Sandra; MCCARDLE, Peggy. As implicações dos animais de estimação na saúde pública: nossos animais e os animais dos outros. In: MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James A.; ESPOSITO, Layla; FREUND, Lisa S. (orgs.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. São Paulo: Papyrus, 2013.

HEIDEN, Joyce; SANTOS, Wellington. **Benefícios psicológicos da convivência com animais de estimação para os idosos**. Seminário Integrado de Pesquisa e Extensão Universitária (SIPEX). *Ágora: revista de divulgação científica*, v. 16. 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Ricardo/Downloads/138-531-1-PB%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Ricardo/Downloads/138-531-1-PB%20(3).pdf). Acesso em: 12/03/2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 02/06/2015.

KASSIS, Amélia; BERZINS, Marília V. da Silva. **O amor que fica**. Revista Kalunga. São Paulo, ano XXX, n.139, 2002.

LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas.” In: MACIEL, Maria Esther. **Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

MACHADO, Juliane de Abreu Campos; ROCHA, Jessé Ribeiro; SANTOS, Luana Maria; PICCININ, Adriana. **Terapia Assistida por Animais (TAA)**. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária. Ano VI. São Paulo, 2008. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/yBDakPBzygIw\\_2013-5-28-12-0-12.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygIw_2013-5-28-12-0-12.pdf). Acesso em: 12/03/2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James A.; ESPOSITO, Layla; FREUND, Lisa S. (orgs.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos**. São Paulo: Papyrus, 2013.

MCGOLDRICK, Monica; GERSON, Randy. Genetogramas e o ciclo da vida familiar. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica e col. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MINUCHIN, Salvador; LEE, Wai-Yung; SIMON, George M. **Dominando a terapia familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

OSORIO, Luiz Carlos. **Casais e famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSORIO, Luiz Carlos. **Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

OSORIO, Luiz Carlos; VALLE, Maria Elizabeth Pascual do. **Manual de Terapia Familiar.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

POSTER, Mark. **Teoria crítica da família.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REED, Reiley; FERRER, Lilian; VILLEGAS, Natalia. **Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692012000300025&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-11692012000300025&script=sci_arttext&tlng=pt) Acesso em: 12/03/2015.

SERPELL, James A.. As perspectivas históricas e culturais das interações dos seres humanos com animais de estimação. In: MCCARDLE, Peggy; MCCUNE, Sandra; GRIFFIN, James A.; ESPOSITO, Layla; FREUND, Lisa S. (orgs.). **Os animais em nossa vida: família, comunidade e ambientes terapêuticos.** São Paulo: Papirus, 2013.

SILVA, Juciana Miguel da. **Terapia Assistida por Animais (Revisão de Literatura).** Monografia apresentada ao curso de Medicina Veterinária como requisito parcial para obtenção do grau de médica veterinária, 2011.

SOCZKA, L. **A Companhia dos Lobos, o Imperativo da Vinculação.** Lisboa: Fim de Século, 2003.

TATIBANA, Lilian Sayuri; COSTA-VAL, Adriane Pimenta da. **Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário.** Revista Oficial do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Minas Gerais. Projeto de educação continuada. Ano XXVIII, p. 12-17, 2009. Disponível em: <http://www.crmvmg.org.br/revistavz/revista03.pdf>. Acesso em: 07/03/2015

VOLPI, Diandra; ZADROZNY, Valéria Gurgel Ponte. **Benefícios da TAA: uma contribuição da psicologia.** Trabalho de Conclusão de Curso do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Regional de Blumenau, 2012. Disponível em:

WENDT, Naiane Carvalho; CREPALDI, Maria Aparecida. **A Utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa.** Psicologia: Reflexão e Crítica. Vol. 21. Porto Alegre, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722008000200016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722008000200016&script=sci_arttext). Acesso em: 07/03/2015.

## APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista

### **Tema: Decisão em adotar (ou ficar com) o animal**

- 1) Há quanto tempo vocês convivem com o animal?
- 2) O que o/a \_\_\_ (nome do animal) representa para você e sua família?
- 3) Quais foram os motivos que levaram você a adotar/ficar com um animal de estimação?
- 4) Como foi essa decisão?
- 5) Como foi a escolha pelo animal? O que buscaram?
- 6) Com que expectativas escolheram o animal? Elas foram supridas? Quais não foram?

### **Tema: Rotina da Casa**

- 7) Como era a rotina da família antes da chegada do animal?
- 8) Como é a rotina atualmente (o que mudou)?

### **Tema: Dinâmica familiar**

- 9) Você o considera como um membro da família? Qual?
- 10) Você acredita que essa convivência produziu efeitos para a família? Quais?
- 11) Na sua opinião, qual é o papel do seu animal na interação da família?
- 12) O que essa convivência proporcionou de positivo e/ou negativo na relação familiar?  
(Influências)
- 13) Como você pensa que a família percebe essa relação com o animal?
- 14) Outros comentários



### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é **Mabel Pinheiro Labanowski** e estou desenvolvendo a pesquisa cujo título é **“Animais de estimação na dinâmica familiar: um olhar ainda a desvendar”**, orientada pela **Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Aparecida Crepaldi**, com o objetivo de compreender a influência de animais de estimação no convívio familiar.

Esperamos que esse trabalho traga benefícios para os profissionais que trabalham na intervenção psicológica com pessoas e famílias em diferentes contextos. Pedimos a gentileza de responder a entrevista, o que não trará nenhum risco para você. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente, pelo telefone (48) 3233-4635. Se você estiver de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas (ou material coletado) serão confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

**Pesquisadoras:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Crepaldi e Mabel Pinheiro Labanowski.

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecido sobre a pesquisa **“Animais de estimação na dinâmica familiar: um olhar ainda a desvendar”** e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_ E-mail: \_\_\_\_\_



## **Parecer**

**Título: Animais de estimação na dinâmica familiar: um olhar ainda a desvendar**

**Aluna (o):** Mabel Pinheiro Labanowski

**Orientador:** Maria Aparecida Crepaldi

A presente monografia apresenta uma temática relevante, atual e pertinente para a nova constituição de família que vem se configurando. Um trabalho neste âmbito leva a crer que um estudo desta natureza forneça subsídios para futuras discussões no intuito de compreender a motivação que leva várias famílias atualmente a buscarem um animal de estimação, bem como, identificar as razões pelas quais muitos casais abrem mão de ter filhos em prol de um pet.

Como a monografia enfatiza questões familiares, tais como conceitos e princípios, torna-se útil estudar sobre os efeitos que os animais trazem para as famílias, sejam positivos ou negativos, além de proporcionar um entendimento sobre as influências na dinâmica familiar. Certamente, tal monografia supriu esta questão, e contribui para futuros estudos sobre família, e novas constituições de família.

No que diz respeito ao título, este se apresenta de forma clara e não deixa dúvidas sobre o tema abordado no artigo. No entanto, quando a pesquisadora coloca: “um olhar a desvendar”, leva a pensar que existe algo ainda não muito claro no que concerne à temática. Porém, no decorrer da monografia, o tema é esclarecedor e claro quanto ao que se propõe. Deste modo pensa-se que um título mais definido contemplaria melhor o que o leitor encontrará. Exemplo: “Animais de estimação: Motivação e Influências no Contexto Familiar”. Ou ainda: “A compreensão sobre a motivação para se ter um animal de estimação e as influências por ele exercidas”. Um título como estes, já esclarece que o trabalho abarcará estas influências, não dando a entender que se tem algo a desvendar, pois o trabalho traz claramente esta influência.

Em relação ao objetivo, embora se apresente de forma clara, não está em consonância com a pergunta de pesquisa. Em um, fala-se sobre a compreensão da influência dos animais de

estimação, e o outro fala sobre a motivação das famílias para incluir um animal em sua dinâmica. Sugere-se que o objetivo principal seja: verificar a motivação que as famílias têm para incluir um animal em sua dinâmica familiar, e os específicos abarquem questões tais como: compreender e caracterizar a influência dos animais de estimação; descrever aspectos positivos e negativos, bem como, identificar o papel do animal na dinâmica familiar.

O resumo apresenta claramente o objetivo, o método e os resultados da pesquisa, sugerindo-se apenas para padronizar o objetivo com a questão de pesquisa novamente.

A introdução mostra de forma clara a temática a ser abordada, contextualiza tanto a escolha do tema, como sua referência atualizada pelo IBGE, bem como, de forma concisa sustenta teoricamente o tema, apontando sua relevância. Apenas supõe-se ser importante, terminá-la com a pergunta de pesquisa, fazendo uma conexão com a leitura que seguir-se-á.

Em relação à fundamentação teórica encontra-se variedade e qualidade de artigos publicados, bem como referencial atualizado e condizente com a temática pesquisada. Traz informações conceituais importantes, informações estas que a posteriori embasam a discussão dos resultados. Sugere-se cuidar de algumas frases longas que possam prejudicar a compreensão do conteúdo.

Em relação ao método, apresenta-se de forma clara e articulada, com informações importantes e esclarecedoras a respeito das famílias, sua história e forma de inserção de um animal de estimação. O texto fala sobre Termo de Consentimento, porém este não encontra-se em anexo, e deixa na dúvida se o trabalho passou por Comitê de Ética. A análise dos dados esta articulada com os referenciais teóricos.

Os resultados e a discussão foram apresentados de forma clara, distribuídos em quatro núcleos temáticos, pertinentes e relacionados aos objetivos. Trouxeram falas que explanam a forma de pensar, e as situações concernentes à presença do pet. Há uma boa conexão entre os núcleos temáticos, sua definição, bem como, a relação entre as falas.

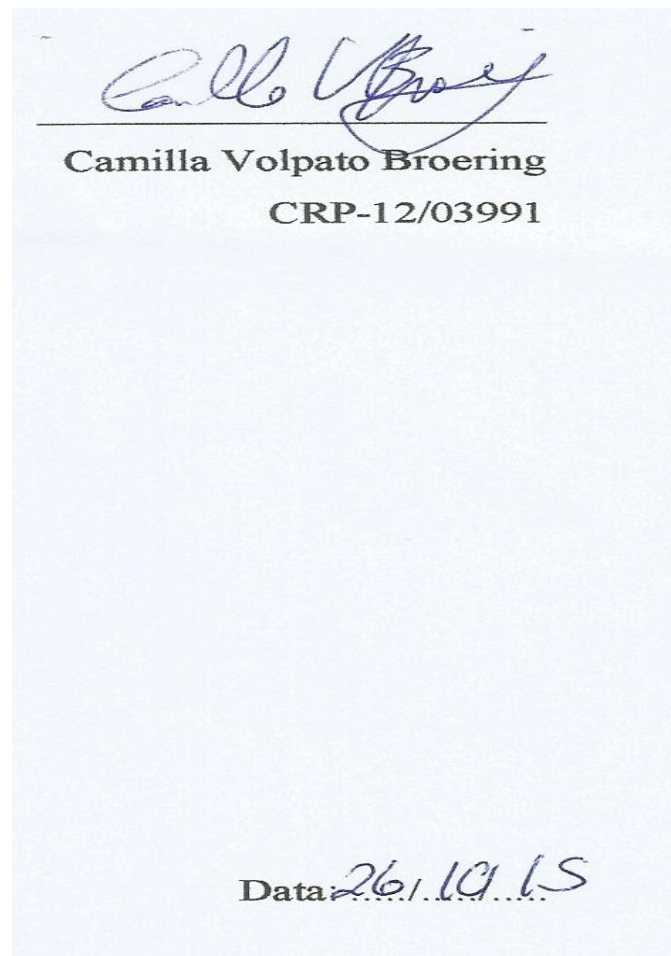
Nas considerações finais, observa-se de forma clara os achados do estudo, bem como, faz-se considerações sobre o que falta em se tratando de estudos que continuem a estudar a influência dos animais no convívio familiar, posto que cada vez é mais comum a presença de animais nas famílias. As contribuições do estudo foram trazidas, bem como, foram sugeridos novos estudos. Seria importante pontuar se houve limitações na realização deste estudo.

No que diz respeito à redação e organização do texto, o trabalho está bem escrito como um todo, no que se refere a gramática, clareza, objetividade, sequência lógica, estrutura formal, consistência e coerência. Apenas sugere-se que seja feita uma revisão da nova



ortografia, e de alguns parágrafos com frases muito longas que podem prejudicar a compreensão.

No mais, a monografia está pertinente e adequada, apresenta leitura fácil e atrai o leitor em busca de informações sobre as características e especificidades das interações entre famílias e animais de estimação, e como estas são interpretadas, bem como, salienta a importância do tema, e consegue fazer um resgate desse processo de interação humano-animal e sua relação com o desenvolvimento.





**Florianópolis, 22 de outubro de 2015.**

**Parecer**

**Título: ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO NA DINÂMICA FAMILIAR: um olhar ainda a desvendar.**

**Aluna (o): Mabel Pinheiro Labanowski**

**Orientador: Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Crepaldi**

**Parecerista: Me. Murilo Pereira Garcia**

Os cães foram os primeiros animais a serem domesticados pelo homem. Estudos recentes apontam este encontro entre as duas espécies tendo ocorrido há aproximadamente 15 mil anos atrás na Ásia Central. Desde o início desta relação o cão ocupou um lugar de valor ao lado do homem, apresentando os mais diversos papéis (pastoreio, guarda de rebanho, proteção de território, abate de pestes, caça). Mais recentemente uma dada função recebeu ênfase maior, a de companheiro. Assim, passou a habitar nossos ambientes mais íntimos - os nossos lares, tornando-se por completo um membro da matilha-família.

O presente trabalho apresenta uma relevância científica e social pois lança indagações a respeito desse espaço ocupado pelo cão na família brasileira e seus efeitos sobre a mesma. Os dados produzidos são o início de descobertas que proporcionam a ampliação do conhecimento a respeito de uma interação que, em 2015, conforme dados do IBGE, ocorre em maior quantidade do que a interação entre crianças e adultos dentro dos lares.

No íntimo, cada pessoa que conviveu ou convive com animais de estimação sabe o bem que eles proporcionam, mas é necessário compreender melhor esse processo de forma a identificar os fatores envolvidos e no futuro projetar intervenções bem sucedidas para o bem das pessoas a partir do conhecimento descoberto.

O texto de fundamentação da pesquisa introduz o leitor no entendimento do conceito de família e posteriormente da relação entre a mesma e a inserção de cães como seus integrantes. Para leitores não familiarizados com a Teoria Sistêmica é de boa ajuda para compreender os referenciais teóricos que fundamentarão a análise dos resultados obtidos. Foram buscadas variados autores para complementar o raciocínio e a exposição das ideias que sustentam os argumentos apresentados. Não é de conhecimento deste avaliador a validade e qualidade do referencial teórico, uma vez que este não tem muita familiaridade com a área. No entanto, é possível constatar o esforço da autora na produção de um texto integrado com os estudos e reflexões de variados autores que produzem conhecimento sobre o tema.

Uma sugestão para aprimoramento da redação pode ser a atenção a alguns pontos, tais como: Evitar a redação de parágrafos de uma única frase, pois estes carecem de uma tese e os argumentos que a subsidiam; Ao usar referências, utilizá-las como subsídio para uma ideia da autora que encontra em outros autores suporte, ao invés de utilizá-las como simples afirmação absoluta de que algo é como é por que dado autor assim disse (falácia de autoridade); Buscar uma linha de descrição temática que vá de um plano geral para um mais específico, com ligações entre os parágrafos.

A redação do texto na sessão “Metodologia” cumpre seu papel e permite compreender com clareza os passos seguidos pela autora da pesquisa e analisar sistematicamente o controle utilizado por ela para a produção do conhecimento obtido. A explanação das etapas, passo a

passo, deixa claro como o trabalho foi feito e os cuidados para o controle das variáveis envolvidas.

Por fim, é possível considerar o trabalho coerente e com fundamentação naquilo que se propõe a investigar. Uma pesquisa levada a sério pela autora que permite, apesar da pequena amostragem, explorar uma realidade cada vez maior e mais complexa dentro dos lares brasileiros. Além disso, joga à luz da ciência algo que no senso comum todos os que já conviveram ou convivem com cães já sabem – o quanto essa interação faz bem.

Se for permitido emitir uma pontuação final, este avaliador considera este trabalho digno de uma nota 10,00. Agradeço a oportunidade de entrar em contato com esta pesquisa e ampliar meus conhecimentos referente a uma área de grande paixão pessoal e profissional – a interação entre pessoas e animais.

Sem mais,

Murilo Pereira Garcia

A handwritten signature in blue ink that reads "Murilo P. Garcia". The signature is written in a cursive style and is underlined with a single horizontal line.